

Jefferson denuncia caixinha de Valério para PT e PTB na Eletronorte

João Domingos e Ana Paula Scinocca

O deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) revelou ontem, em depoimento à CPI do Mensalão, detalhes de uma operação montada pelo publicitário Marcos Valério Fernandes de Souza para captar irregularmente, pela manipulação de estatais, de R\$ 90 milhões a R\$ 120 milhões. Ele afirmou que o dinheiro seria dividido entre o PT e o PTB. A operação envolveria duas empresas públicas sob comando do PTB: o Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) e a Eletronorte. O primeiro passo da operação bolada por Valério seria a transferência de recursos internacionais do IRB, que mantém cerca de US\$ 800 milhões aplicados em bancos ingleses e suíços. Desse valor, US\$ 600 milhões iriam para o Banco Espírito Santo, de Portugal. Num depoimento anterior, à CPI dos Correios, o deputado já tinha contado sobre a idéia de Valério de patrocinar a transferência do dinheiro do IRB para o Banco Espírito Santo. Desta vez, explicou como o empresário pretendia repassar dividendos para o PT e o PTB. Para tanto, a Eletronorte teria de reestatizar suas linhas de transmissão de energia. Para executar o projeto, contaria com financiamento de R\$ 3 bilhões a R\$ 4 bilhões do banco. Do total, uma comissão de 3% sobraria para o PT e o PTB. "Na época, o presidente da Eletronorte era Roberto Salmeron, do PTB", lembrou Jefferson. É importante registrar que não foram concretizadas nem a transferência do dinheiro do IRB no exterior, nem a reestatização das linhas da Eletronorte. Ao tomar conhecimento das declarações do deputado, a diretoria da empresa de energia divulgou nota dizendo que nunca estudou a hipótese de reestatizar as linhas. Também negou ter qualquer relacionamento com o Banco Espírito Santo. PORTUGAL Diante dos integrantes da CPI Jefferson acusou ainda o deputado José Dirceu (PT-SP), ex-ministro da Casa Civil, de planejar outra operação internacional, pela qual a Portugal Telecom daria cerca de 8 milhões de euros (R\$ 24 milhões) para serem divididos entre o PT e o PTB. Ele contou que foi procurado em janeiro por Dirceu, que se disse preocupado com as dívidas de campanha do PTB. "Dirceu disse que era para eu indicar um emissário do partido, que iria junto com o do PT ver o pessoal da Portugal Telecom. Eu indiquei o tesoureiro Emerson Palmieri. A passagem está comigo. Palmieri viajou para Portugal no dia 24 de janeiro, juntamente com Marcos Valério, que representava o PT, e seu sócio Rogério Tolentino. Eles voltaram no dia 26." A diretoria da multinacional teria oferecido o dinheiro numa reunião no Brasil, assegurou Jefferson. A doação, disse, representaria a antecipação do que viria para futuras campanhas eleitorais. "Os recursos serviriam para cobrirmos as dívidas da campanha de 2004, porque não tínhamos mais nenhum problema referente à de 2002." Jefferson assegurou ainda que Tolentino, Valério e o ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares viajavam com regularidade para Portugal. "Numa semana eles iam, na outra não. Mas iam sempre. Eram viagens muito comuns, freqüentes", relatou. Na viagem de 24 de janeiro, apenas Valério reuniu-se com o então ministro de Obras, Transportes e Telecomunicações de Portugal, Antonio Mexia. Irônico, Jefferson classificou Valério de "novo embaixador do Brasil em Portugal para assuntos de telecomunicações". O próprio Mexia esclareceu ontem ao governo brasileiro que a reunião com Valério durou 8 minutos e que, ao contrário do que foi divulgado, em nenhum momento recebeu o empresário na condição de consultor do presidente Lula. A origem da crise que abalou o governo, afirmou o deputado, foi a dificuldade dos partidos para quitar suas dívidas. "Se as operações tivessem dado certo, as crises estariam sanadas. As tensões estariam superadas", afirmou, ao ser interrogado pelo deputado Devanir Ribeiro (PT-SP). "Em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão." Ele admitiu que, ao fazer a denúncia do mensalão, não tinha a dimensão do escândalo. "Atirei no que vi e acertei no que não esperava." Jefferson sugeriu ainda à CPI que investigue o Banco Santos, que está sob intervenção. Disse que muitos fundos de pensão aplicavam dinheiro lá, assim como Valério. Ao longo de todo o depoimento, Jefferson fustigou Dirceu e poupou Lula. "Dirceu é o chefe da quadrilha. O presidente Lula não sabia de nada. Ele foi traído pelo Dirceu", disse. "O útero, a matriz da corrupção não está aqui (no Congresso). Está do outro lado da rua (no Palácio do Planalto)." Jefferson procurou desmoralizar também o ex-deputado Waldemar

Costa Neto (PL-SP), que renunciou e pediu a cassação do petebista. "Bastou a dona Simone (Vasconcelos, diretora da SMPB) dizer que ele recebeu R\$ 10 milhões, que ele botou R\$ 10 num veado e correu. Ele é fraco, blefou no jogo e correu. É galo fujão, galo mutuca, como dizemos no Rio."

Complementos

- (1) "O útero, a matriz da corrupção, não está aqui. Está do outro lado da rua" | Texto

Assunto(s): CPI - Mensalão, Dirceu, José, Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), Jefferson, Roberto, Partido Político - P T, Partido Político - PTB, Souza, Marcos Valério Fernandes de.

(6/16) Anterior | Próximo

Previ confirma negociação com Portugal Telecom

Irany Tereza

A Previ, fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil, estava negociando a venda da Telemig para a Vivo, controlada pela Portugal Telecom, desde dezembro de 2003, revelou ontem o presidente do fundo, Sérgio Rosa. A operadora portuguesa tem como principal acionista o Banco Espírito Santo (BES), de Portugal, apontado pelo deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) como a instituição com a qual o publicitário Marcos Valério Fernandes de Souza tentava negociar - segundo Jefferson, com o aval do ex-ministro José Dirceu - recursos para pagamento de dívidas de campanha do PTB e do PT. Rosa informou que foi procurado pelo representante de um banco credenciado pela operadora para intermediar o negócio. Ontem ele não quis revelar o nome da instituição nem do interlocutor, mas negou que fosse o Banco Espírito Santo. O BES era também a instituição que Marcos Valério tentou beneficiar com a transferência de recursos do Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) aplicados no exterior. A direção do IRB recusou proposta do banco, feita em abril, para aplicar US\$ 100 milhões das reservas da instituição no exterior, por falta de critérios técnicos. Ontem, o Grupo Espírito Santo divulgou comunicado informando que tem investimentos de mais de US\$ 1 bilhão no Brasil, afirmando que não tem vínculo com nenhum partido brasileiro. "Não financiamos partidos políticos no Brasil, nem temos qualquer relação de negócios com o Sr. Marcos Valério ou quaisquer de suas empresas", expressou o grupo. CONTROLE DA TELEMIG Sérgio Rosa não mencionou o nome da instituição nem do interlocutor que procurou a Previ, sob o argumento de que não há mais negociação em curso. Segundo ele, os encontros tiveram caráter técnico e negocial, sem pressão política para assegurar a transferência das ações para a operadora portuguesa. Mas ele confirmou, no entanto, que o Conselho Deliberativo da Previ, então presidido por Henrique Pizzolato, orientou a direção do fundo a deixar o controle acionário da Telemig em 22 de outubro, o que não foi acatado pela diretoria. A decisão do conselho, coincidentemente, aconteceu três dias depois da visita do presidente da Portugal Telecom, Miguel Horta e Costa, ao presidente Lula, em audiência no Palácio do Planalto. Rosa afirmou que nunca conversou com nenhum executivo da operadora portuguesa nem do BES e não relacionou a decisão do conselho presidido por Pizzolato a nenhuma interferência política. "Nem conheço o sr. Marcos Valério", declarou ele ao Estado. Segundo ele, a Previ manteve apenas "conversas informais" com o representante da Vivo, já que precisaria do aval de todos os outros acionistas da Telemig, inclusive do Grupo Opportunity, de Daniel Dantas, para efetivar o negócio. Rosa afirmou que os fundos de pensão patrocinados por empresas estatais - além da Previ, a Petros (dos empregados da Petrobrás) e a Funcef (dos funcionários da Caixa Econômica) - estão dispostos a esclarecer qualquer procedimento adotado pela atual gestão. "Não temos nada a esconder", afirmou. Mas ele criticou a proposta de uma quebra de sigilo generalizada nas instituições.

Complementos

- (1) Portugal Telecom nega negociação com partidos | Texto

Assunto(s): Banco do Brasil - BB, Dirceu, José, Jefferson, Roberto, Partido Político - P T, Partido Político - PTB, Souza, Marcos Valério Fernandes de.

(12/16) Anterior | Próximo

RQS nº 03/2005 - CN -
CPMI - CORREIOS

Ass: 002

4367
Dec.

Operação internacional renderia R\$ 24 milhões ao PT e PTB

Fernando Exman

Mantendo a estratégia de realizar uma denúncia a cada depoimento, o deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ) fez novas revelações à CPI do Mensalão sobre as freqüentes viagens de Marcos Valério, Delúbio Soares e Rogério Tolentino, advogado de Valério, a Portugal. Segundo Jefferson, além de intermediar negociações entre a Portugal Telecom e a Telemig Celular, Valério tratou com integrantes do governo português a compra da Varig pela TAP, estatal portuguesa do setor de aviação. Além disso, afirmou Jefferson, Marcos Valério negociou a transferências de recursos do Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) ao Banco Espírito Santo (BES), o que renderia repasses à Eletronorte para a reestatização de linhas de transmissão de energia elétrica, e também ao PT e ao PTB. O deputado fluminense deu pela primeira vez detalhes da suposta negociação entre os PT e PTB com a Portugal Telecom. Segundo ele, a negociação envolvia a liberação de 8 milhões de euros que seriam divididos entre petebistas e petistas. Jefferson reafirmou que Marcos Valério era o representante do governo brasileiro junto a Portugal Telecom e com ironia chegou a chamá-lo de embaixador do Brasil em Portugal para assuntos de telecomunicações. No depoimento de ontem, Jefferson contou que em janeiro foi procurado por Dirceu, que se disse preocupado com as dívidas de campanha do PTB: "O Dirceu disse que era para eu indicar um emissário do partido, que iria junto com o do PT ver o pessoal da Portugal Telecom. Indiquei o tesoureiro Emerson Palmieri. A passagem está comigo. Palmieri viajou para Portugal no dia 24 de janeiro, juntamente com Marcos Valério, que representava o PT, e seu sócio Rogério Tolentino. Eles voltaram no dia 26. A diretoria da multinacional teria feito a oferta de recursos durante uma reunião no Brasil, segundo Jefferson. Ainda segundo o deputado, a doação seria uma antecipação de recursos a serem oficializados em futuras campanhas eleitorais. "Os recursos serviriam para cobrirmos as dívidas da campanha de 2004 porque não tínhamos mais nenhum problema referente à campanha de 2002 Jefferson afirmou ainda que Delúbio, Tolentino e Valério viajavam com freqüência a Portugal. "Em uma semana eles iam, na outra não, mas iam sempre. Eram viagens muito comuns, freqüentes. Durante o depoimento de José Dirceu ao Conselho de Ética, Jefferson revelou o suposto acerto com a Portugal Telecom para reforçar o caixa do PT e do PTB e, na ocasião, deu a entender que acreditava na participação de Lula. "Vossa excelência (José Dirceu) autorizou que mandássemos emissários a Portugal para que negociássemos de lá, depois do encontro que vossa excelência patrocinou do grupo da Portugal Telecom com o presidente Lula, um acordo que pusesse em dia as contas do PTB e do PT". Ontem, a versão foi um pouco diferente: "Não foi tratado disso na presença do presidente Lula. Talvez eu tenha colocado isso no plural e tenha gerado dúvida, afirmou Jefferson, acrescentando que não fez nenhuma ilação de que o presidente Lula pudesse ter conhecimento da negociação.

Complementos

- (1) Mexia divulga nota evasiva | Texto
- (2) Acionistas negam viagem | Texto

Assunto(s): CPI - Mensalão, Denúncia, Dirceu, José, Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), Jefferson, Roberto, Partido Político - P T, Partido Político - PTB, Souza, Marcos Valério Fernandes de.

(9/16) Anterior | Próximo

RQS nº 03/2005 - CN -
CPMI - CORREIOS
003

343
Doc

As omissões de Dirceu

Gerson Camarotti e Bernardo de la Peña

Agendas desmentem ex-ministro, que recebeu presidente de banco português e Valério no Planalto. Como chefe da Casa Civil, José Dirceu (PT-SP) recebeu em audiência no Planalto, em 11 de janeiro deste ano, o banqueiro português Ricardo Espírito Santo, do Banco Espírito Santo, acompanhado do empresário mineiro Marcos Valério de Souza. Ao GLOBO, Ricardo Espírito Santo confirmou a audiência e informou que foi Valério quem se ofereceu para apresentá-lo a Dirceu. Anteontem, em depoimento no Conselho de Ética da Câmara, Dirceu negara peremptoriamente qualquer envolvimento em supostas negociações com a Portugal Telecom, da qual o Banco Espírito Santo é um dos principais acionistas. A reunião aconteceu 13 dias antes da viagem de Valério e do tesoureiro informal do PTB, Emerson Palmieri, a Portugal. No depoimento, Dirceu omitiu o encontro ao ser perguntado se já estivera com Valério: 'Eu o conheci (Marcos Valério) em alguma atividade social. Ele esteve na Casa Civil acompanhando a direção do Banco Rural umas duas vezes', disse. Segundo o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ), Valério e Palmieri viajaram a Lisboa para tentar fechar negócios com a Portugal Telecom em troca de um acordo que resolvesse as dívidas do PTB e do PT. O Banco Espírito Santo é um dos maiores acionistas da Portugal Telecom. Agendas da Casa Civil confirmam. O encontro está registrado na agenda oficial de Dirceu na Casa Civil. A reunião foi marcada para as 17h e teria durado meia hora. Procurado pelo GLOBO, Dirceu confirmou que recebeu o banqueiro Ricardo Espírito Santo e que ele estava acompanhado de Valério. Mas deu outra versão para o encontro. O ex-ministro não soube dizer por que Valério participou da audiência. Segundo ele, Valério estava prestando serviços ao Banco Espírito Santo: 'Recebi o banqueiro Ricardo Espírito Santo no meu gabinete. Ele estava acompanhado de Marcos Valério. Mas não foi Valério que marcou a audiência. Por que Valério estava com Ricardo Espírito Santo? Quem tem que responder isso é o banco. Ele estava prestando serviços para o Banco Espírito Santo, mas não sei muito bem o que era. Recebo todos os representantes de banco que me procuram. Segundo ele, o Banco Espírito Santo foi comunicar interesses em novos investimentos. Dirceu disse que não teve qualquer tipo de negociação com o banqueiro e que todas as suas audiências eram formais e protocolares. Encontro também em Portugal. A agenda disponível no site da Casa Civil confirma: além de ter recebido o presidente do Banco Espírito Santo, Dirceu esteve em Lisboa no dia 7 de junho passado e participou de um jantar com empresários, entre eles Miguel Horta e Costa, presidente da Portugal Telecom. Durante depoimento à CPI dos Correios, Jefferson afirmou que Valério tentou convencer a direção do Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) a transferir parte das reservas técnicas aplicadas em outros bancos europeus para o banco português Espírito Santo. O montante chegaria a US\$600 milhões. Pela versão de Jefferson, por essa transferência o banco português pagaria comissão para ser dividida entre o PT e o PTB. Ricardo Espírito Santo negou que tenha feito negócios com Valério, com o governo ou com partidos. Ele também rebateu a afirmação de Dirceu de que Valério prestava serviços a seu banco. 'Nunca fiz qualquer serviço com Marcos Valério. Ele se ofereceu para me apresentar ao ministro Dirceu. Por isso, estava na audiência. No encontro, falamos sobre os projetos do Grupo Espírito Santo no Brasil. Nunca solicitei qualquer tipo de favor ou ajuda do governo. Não trabalhamos com o governo e nem com política. Também não fazemos negócios com o senhor Marcos Valério. Não precisamos de intermediários. O encontro com o ministro Dirceu foi uma reunião de apresentação. De onde conheço Valério? Sei lá como conheci Valério. Foi em contatos sociais', explicou Ricardo Espírito Santo. Em nota enviada ao GLOBO, Valério informou que não tem conhecimento e não participou de suposta reunião, realizada em janeiro, em Brasília, entre integrantes do governo federal e Ricardo Espírito Santo. A CPI dos Correios investiga ainda outras tentativas de negócios de Valério com instituições portuguesas. O próprio empresário admitiu que foi a Lisboa para manter conversas com o presidente da Portugal Telecom, Miguel Horta e Costa, em janeiro deste ano, e para fazer inspeção de clientes. Em nota divulgada ontem, Valério disse que esteve em Portugal, no ano passado, quando visitou o ministro de Obras Públicas, António Mexia. Ele confirmou que Mexia lhe foi apresentado por Miguel Horta e

Costa. Mas negou que tenha sido recebido como consultor ou representante da Presidência ou de qualquer órgão governamental brasileiro. Valério confirmou também que esteve novamente em Portugal, em janeiro, com Emerson Palmieri, para se reunir com Miguel Horta e Costa, que não pôde recebê-lo por problemas de agenda. Segundo a nota, a viagem tinha como objetivo a prospecção de contas de publicidade, uma vez que a Portugal Telecom estaria interessada em adquirir, por meio da Vivo, a Telemig, operadora de telefonia celular de Minas, que é cliente da SMP&B Comunicação e da DNA Propaganda, as duas agências de Valério. Fontes do Banco Opportunity, controladora da Telemig Celular, informaram ontem ao GLOBO que Valério não falou em nome do grupo para tentar fechar qualquer tipo de negócios. Segundo essas mesmas fontes, em janeiro deste ano, Valério e o Opportunity já estariam em rota de colisão. Ontem, os deputados Eunício Oliveira (PMDB-CE) e Miro Teixeira (PT-RJ), que foram ministro das Comunicações do governo Lula, confirmaram que participaram de audiências no Palácio do Planalto com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente da Portugal Telecom, em 19 de outubro de 2004 e em 21 de janeiro de 2003. ² Nesta audiência, a Portugal Telecom demonstrou interesse em fazer novos investimentos no Brasil ³ disse Eunício Oliveira. VALÉRIO TERIA SE APRESENTADO COMO CONSULTOR DO PRESIDENTE, na página 5

Assunto(s): Corrupção, Crise política, Dirceu, José, Jefferson, Roberto, Partido Político - P T, Partido Político - PTB, Souza, Marcos Valério Fernandes de, Ética.

(1/16) Anterior | Próximo

Marcos Valério, o 'consultor' do presidente

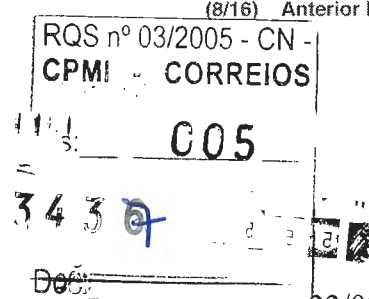
Uma declaração do ex-ministro de Obras Públicas de Portugal Antonio Mexia, registrada pelo jornal português Expresso, aumentou ainda mais a temperatura política no Planalto. Na edição de 16 de julho, Mexia afirmou ao semanário que recebeu Marcos Valério Fernandes de Souza, apontado como operador do mensalão, na qualidade de consultor do presidente do Brasil. A reunião teria ocorrido a pedido do presidente-executivo do grupo Portugal Telecom, Miguel Horta e Costa. O deputado Antonio Carlos Pannunzio (PSDB-SP) causou frisson na CPI dos Correios ao repassar a notícia. O encontro aconteceu no fim de outubro do ano passado. O ex-ministro de Obras de Portugal afirmou ao Expresso que teve uma reunião de cortesia com o publicitário e que a reunião durou de 10 a 15 minutos. Disse que foi uma conversa de circunstância, sem tema específico. Segundo o jornal, Mexia qualificou de ridículo o envolvimento de seu nome com Valério e afirmou estar disponível para prestar esclarecimentos ao Congresso brasileiro. Em nota divulgada na noite de ontem, o Palácio do Planalto negou que tenha autorizado Marcos Valério a se apresentar como consultor. A nota da Presidência também informa que solicitou à embaixada do Brasil em Portugal que peça mais detalhes ao ex-ministro português sobre o encontro com Marcos Valério. O próprio Marcos Valério negou, também à noite, que tenha informado possuir tais credenciais. Por meio de nota divulgada pela sua assessoria de imprensa, confirmou ontem que esteve em Portugal no ano passado e se encontrou com o então ministro de Obras Públicas português, António Mexia. Confirmou também que Mexia foi apresentado a ele pelo presidente da Portugal Telecom, Miguel Horta e Costa. Ele negou, no entanto, que tenha sido recebido na condição de consultor ou representante da Presidência da República ou de qualquer outro órgão governamental brasileiro. Na nota, o empresário confirma ainda que esteve novamente em Portugal em janeiro deste ano, com o tesoureiro informal do PTB, Emerson Elói Palmieri, para uma tentativa de reunião com o presidente da Portugal Telecom. Segundo Valério, a viagem tinha o objetivo sondar contas de publicidade da empresa portuguesa, que estaria interessada em adquirir a Telemig, cliente de uma agência de Valério. Ele negou ter participado de reunião em Brasília, em janeiro, com integrantes do governo federal e o empresário Ricardo Salgado, do Banco Espírito Santo. Na terça-feira, Valério havia explicado que Palmieri viajou com ele na condição de amigo e também porque estava muito estressado. Durante o depoimento do ex-ministro José Dirceu ao Conselho de Ética da Câmara, o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) disse que o ex-ministro autorizou a ida de dois emissários do PT e do PTB a Portugal para negociar com representantes da empresa de telecomunicações a liberação de recursos para acabar com as dívidas dos dois partidos. Dirceu respondeu que era mais uma mentira de Jefferson. O grupo Portugal Telecom divulgou nota ontem em que admite ter tido contato com Marcos Valério de Fernandes Souza, mas apenas para discutir a aquisição da operadora de telefonia Telemig pela empresa. Na terça-feira à noite a empresa portuguesa já havia distribuído uma primeira nota na qual informava que afirmava que nunca teve qualquer conhecimento ou participação em relação ao objetivo de organizar um encontro com representantes do PT e PTB em Lisboa, Portugal.

Complementos

- (1) Mexia administrou banco | Texto
- (2) Dirceu é 'cassável' | Luiz Orlando Carneiro | Texto

Assunto(s): Corrupção, Souza, Marcos Valério Fernandes de.

(8/16) Anterior | Próximo



PT e PP devem liderar as baixas

Não bastasse o imenso estrago já sofrido, com a queda de toda a sua cúpula nas últimas três semanas, o PT é o partido mais exposto a sofrer punições da CPI dos Correios, numa primeira leva que o relator, Osmar Serraglio (PMDB-PR), promete anunciar daqui a dez dias. Já chega a 18 nomes, que ele ainda não divulgou, a lista de deputados contra os quais há provas ou indícios de quebra de decoro - mas um balanço da enxurrada de denúncias das últimas duas semanas aponta 15 nomes fortemente implicados, que muito provavelmente estarão com a cabeça a prêmio. Sete são petistas e 4 são do PP, mas há também nomes do PMDB, PTB e PL. Um dos ameaçados, até seis semanas atrás o mais poderoso ministro do governo Lula, é José Dirceu (PT-SP) - cuja situação se agravou depois da terça-feira, quando ele depôs ao Conselho de Ética da Câmara. Com muitos inimigos no Congresso - alguns deles dentro de seu partido -, e o anúncio da Assessoria Jurídica de que é possível punilo por atos que praticou mesmo fora da Câmara, Dirceu é a mais ilustre figura exposta ao risco de cassação. Ele se juntaria a outros petistas tirados do comando do partido - o presidente José Genoíno, o tesoureiro Delúbio Soares, o secretário-geral Sílvio Pereira e o secretário de Comunicação, Marcelo Sereno. Para senadores e deputados que o interrogaram no Conselho de Ética da Câmara, e também para os da CPI dos Correios, que acompanharam de perto a sessão da terça-feira, Dirceu escorregou várias vezes. A principal delas, quando disse que não se havia encontrado no Planalto com representantes da Portugal Telecom. Essa versão caiu em 24 horas. A agenda do ex-ministro-chefe da Casa Civil, como se noticiou no dia seguinte, registra que houve, sim, no dia 11 de janeiro, um encontro entre ele e Ricardo Espírito Santo Silva, o presidente do Banco Espírito Santo no Brasil. O BES é o principal acionista da Portugal Telecom, onde detém pouco menos de 10% das ações. Mais à frente, Dirceu tentou reparar sua fala, mas deu informações imprecisas. Foi por nota oficial, na qual diz que não negou o encontro com o BES. Indagado pelo deputado Cesar Schirmer (PMDB-RS) sobre encontros com a Portugal Telecom, respondeu: 'Nos termos que o deputado Roberto Jefferson colocou, eu não tenho nada a ver, não participei do que ele está dizendo. Se eu recebi ou não a Portugal Telecom (...) é uma outra questão.' No dia 24 de janeiro viajaram para Portugal, para um encontro com dirigentes da Portugal Telecom, o empresário Marcos Valério, o tesoureiro do PTB, Emerson Palmieri, e o advogado Rogério Tolentino, sócio de Valério. A idéia era negociar uma operação financeira pela qual o Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) aplicaria R\$ 800 milhões no BES. A comissão, de 3%, daria R\$ 24 milhões, que PT e PTB dividiriam igualmente, podendo assim pagar suas dívidas e fazer caixa. ABATIMENTO Mais que Dirceu, o candidato praticamente imbatível na lista dos cassáveis é o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ), que confessou, diante do Conselho de Ética, ter recebido R\$ 4 milhões do PT para gastos de campanha, sem nada declarar à Justiça Eleitoral. Outro que está em situação muito ruim é o ex-presidente da Câmara João Paulo Cunha (PT-SP). Ele não conseguiu ainda explicar por que sua mulher, Márcia Regina, retirou R\$ 50 mil da conta de Valério no Banco Rural. João Paulo anda muito abatido. Para piorar a situação, a CPI comprovou que Valério pagava todo mês R\$ 20 mil para sua assessoria, feita pelo jornalista Luiz Costa Pinto. Além dele, outros cinco petistas têm contra si acusações comprovadas em relatórios de Valério cruzados com a movimentação revelada pelo Coaf. São o ex-líder do partido na Câmara Paulo Rocha (PA), o ex-líder do governo Professor Luizinho (SP), João Magno (MG), Josias Gomes (BA) e José Mentor (SP), que recebeu R\$ 120 mil das empresas de Valério e foi acusado pela secretária Fernanda Karina Somaggio de lhe passar informações privilegiadas quando era relator da CPI do Banestado. Estão muito ameaçadas, também, importantes figuras do PP. A começar pelo seu presidente nacional, Pedro Correa, e pelo líder do partido na Câmara, José Janene (PR), acusado de receber pelo menos R\$ 4,1 milhões. Além deles, Vadão Gomes (PP-SP) teria sacado R\$ 3,7 milhões. Há também graves indícios, ou provas, implicando os deputados Carlos Rodrigues (PLRJ), Wanderval Santos (PLRJ), Pedro Henry (PP-MT), José Borba (PMDB-PR) e Romeu Queiroz (PTB-MG). Todos eles por terem recebido dinheiro do suposto esquema.

ROF nº 022005-10
CPI dos Correios

CC6

3436

Assunto(s): Cassação de mandato, CPI - Correios, Partido Político - P T, Partido Político - PP.

(13/16) Anterior | Próximo

**O DIÁRIO
DA CRISE**

**Os 100 fatos e as mentiras mais absurdas
ditas para esconder a corrupção**



Editora ABRIL
edição 1917 - ano 38 - nº 32
10 de agosto de 2005

veja

www.veja.com.br

EMPLAR DE
ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
R\$ 7,30



Lula

**Sem ação diante do escândalo
que devorou seu partido e paralisou
seu governo, Lula está em uma situação
que já lembra a agonia da era Collor**

RQS nº 03/2005 - CN =
CPMI - CORREIOS

007

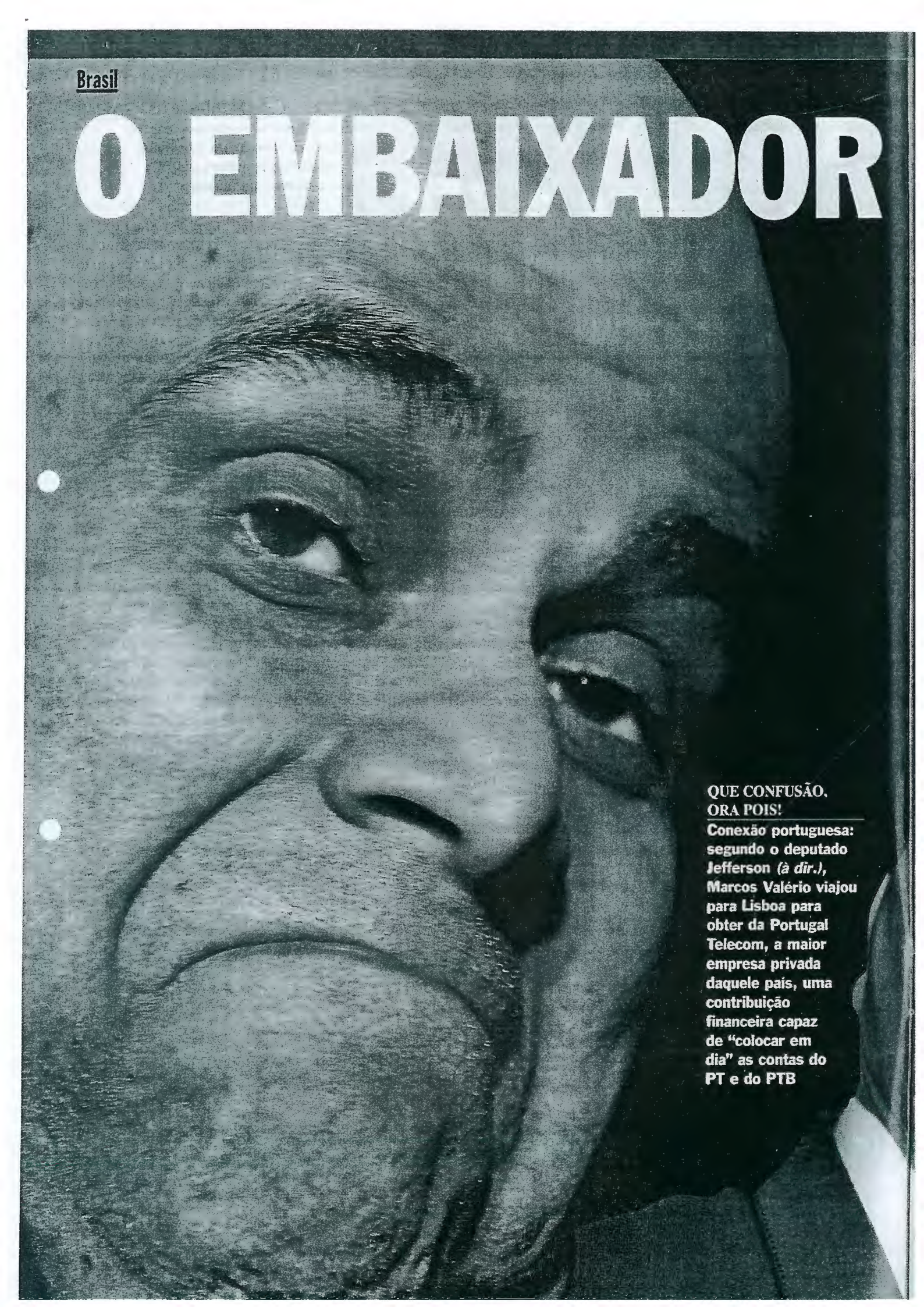
3430

Doc.

1

2

3



Brasil

O EMBAIXADOR

**QUE CONFUSÃO,
ORA POIS!**

Conexão portuguesa: segundo o deputado Jefferson (*à dir.*), Marcos Valério viajou para Lisboa para obter da Portugal Telecom, a maior empresa privada daquele país, uma contribuição financeira capaz de "colocar em dia" as contas do PT e do PTB

RQS nº 03/2005 - CN -
CPMI - CORREIOS
008
3430-2123212
Dee:

DA CORRUPÇÃO

Não era só no Brasil que Marcos Valério falava em nome do Planalto. Em Portugal, governo e empresas abriram suas portas para o "consultor" de Lula

Marcio Aith

O ÉXITO CONTINUA

APAGUE E GANHE

Millennium

CLIENTE FREQUENTE

Apague o nome da conta

Apague o nome da conta

Ganhe o nome da conta

Ganhe o nome da conta

Ganhe o nome da conta

DIRETOR: JOSÉ ANTONIO SILVA

DIRETOR-GERENTE: JOSÉ ANTONIO SILVA

SUBDIRETOR: CARLOS RIBEIRO, HENRIQUE MOREIRA e MIGUEL SANTOS

Expresso

PREÇO: 1,00€

24 HORAS

OS EMPRESÁRIOS apoiaram o governo de José Sócrates. Mexia sobre qualquer daqueles temas, mas não esclareceu o teor da conversa. Em declarações ao EXPRESSO, António Mexia confirmou ter recebido «o senhor Marcos Valério, na qualidade de consultor do Presidente do Brasil e a pedido de Miguel Horta e Costa, presidente da PT, uma empresa de um sector tutelado por mim». Classificando o encontro de «visita de cortesia», garantiu que durou «10 a 15 minutos» e versou apenas «conversa de circunstância. Não houve nenhum tópico específico, muito menos algo que não tinha nada a ver com a minha função de ministro».

O Brasil descobriu tarde os talentos de Marcos Valério, o publicitário-lobista responsável pelo esquema clandestino de arrecadar e repassar dinheiro ilícito a parlamentares aliados do governo petista. Na semana passada, veio à tona que, mesmo antes de ser revelado à opinião pública brasileira pela verve do deputado Roberto Jefferson, Valério já tinha construído uma reputação além-mar, em Portugal, onde era recebido como um emissário do governo Lula. Como vem se tornando hábito nessa crise política, que completa três meses, as operações portuguesas de Valério começaram a ser desvendadas pelo próprio Jefferson — na terça-feira, durante seu primeiro embate cara a cara com o ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu, e em seu depoimento à CPI do Mensalão, na quinta-feira. Jefferson acusou o ex-ministro de montar uma operação de caixa dois com a multinacional Portugal Telecom, dona da operadora de celulares Vivo e a maior empresa privada portuguesa. Por ordem de Dirceu, Valério e o ex-tesoureiro informal do PTB, Emerson Palmieri, teriam sido enviados a Portugal para recolher da companhia telefônica 12 milhões de reais ao PT e outros 12 milhões de reais ao PTB, a fim de “colocar em dia” as contas dos dois partidos.

Jefferson fez outra revelação sobre as incursões de Valério na terra de Camões. Segundo o deputado, o publicitário-lobista lhe propôs, em julho de 2004, uma curiosa “operação casada” para pagar as

RQS nº 03/2005 - CN -
CPM - CORREIOS
009

S:

3438

25

Dee:

dívidas de campanha do PT e do PTB. O deputado deveria influenciar seu amigo Lídio Duarte, ex-presidente do Instituto de Resseguros do Brasil, a transferir em torno de 600 milhões de dólares das reservas internacionais do instituto para o Banco Espírito Santo, sediado em Portugal e controlador justamente da Portugal Telecom. Em troca, o banco português utilizaria esses recursos para financiar a Eletronorte na reestatização de algumas de suas linhas de transmissão. Os dois partidos endividados ficariam com uma comissão de 90 a 120 milhões de reais caso a negociação fosse concretizada. "Tratei de todos os assuntos com vossa excelência, deputado José Dirceu, os republicanos e os não republicanos. Vossa excelência nos deixava à vontade para qualquer conversa na ante-sala do presidente da República", concluiu Jefferson.

Assessorado por uma comitiva de advogados, Dirceu negou tudo. "Quero repelir e negar de forma peremptória", disse o ex-ministro. Em vão. Em questão de horas, novos fatos deram força às acusações de Jefferson. O ex-ministro José Dirceu, que na terça-feira garantira não ter nenhum envolvimento com a operação, foi flagrado em contradição por sua própria agenda. Em

documento enviado à CPI dos Correios, há o registro de um encontro de Dirceu com o representante do Banco Espírito Santo. O português Ricardo Espírito Santo foi acompanhado na audiência pelo publicitário Marcos Valério de Souza. Dirceu defendeu-se dizendo que quem marcou a reunião não foi Valério, mas o banco. Novamente Dirceu foi pego na mentira. O Banco Espírito Santo informou que tentara agendar por três vezes o encontro com Dirceu, mas só chegou ao ex-ministro quando Valério ofereceu uma aproximação. Para piorar a situação de Dirceu, confirmou-se que, treze dias depois desse encontro no gabinete do ex-ministro, os mensageiros do PTB e do PT viajaram para Portugal. Estiveram em Lisboa entre os dias 24 e 26 de janeiro deste ano, como indicara Jefferson. Marcos Valério garantiu que não viajou para buscar propina, e sim para tratar da venda da Telemig Celular, operadora de celular à qual presta serviços publicitários, para a Portugal Telecom. Disse ainda que o "amigo" Palmieri o acompanhou por estar "estressado". De acordo com Valério, ele queria garantir que a conta de publicidade da companhia de celular de Minas Gerais continuasse nas mãos de uma de

UM CICERONE DE LUXO
Presidente da Portugal Telecom, Miguel Horta e Costa apresentou Valério à alta corte de Lisboa

ROBERTO SUTTON



CLÁUDIA TRASSER/ANFIP



suas agências, a DNA, caso a empresa fosse vendida aos portugueses.

As acusações de Jefferson ganharam ainda mais força quando se descobriu que Valério também esteve em Portugal em outubro de 2004, ocasião em que se encontrou com o presidente da Portugal Telecom, Miguel Horta e Costa. Logo depois, Valério e Costa foram recebidos em audiência pelo então ministro de Obras Públicas, Transportes e Comunicações de Portugal, António Mexia. Coincidência ou não, Mexia foi durante oito anos um alto executivo do Banco Espírito Santo. Para piorar, em uma reportagem publicada no mês passado pelo semanário português *Expresso*, o ex-ministro Mexia disse ter recebido Valério na qualidade de "consultor do presidente do Brasil, a pedido de Miguel Horta e Costa". Ou seja, enquanto vivia de forma obscura no submundo da corrupção no Brasil, Valério era tratado como o homem de Lula em Portugal, um embaixador (como diria Jefferson) para negócios "não-republicanos". O ex-ministro português procurou logo contornar a crise com um curioso jogo de lógica. Disse não se recordar das palavras exatas de Miguel Horta e Costa quando este lhe apresentou Marcos Valério. Apenas ficou com a idéia de que ele era "uma pessoa importante no Brasil, com influência e cuja opinião importa". Informalmente, o antigo ministro admite que teve a impressão de tratar-se de um consultor ou representante do governo brasileiro ou do presidente Lula da Silva. Ou seja, Valério foi recebido como consultor de Lula. Só não se apresentou como tal. Sobre o que conversaram? "A conversa foi de circunstância, não houve nenhum tópico específico, muito menos algo que não tinha nada a ver com a minha função de ministro. Nunca o tinha visto, nem o voltei a ver", diz Mexia. O embaixador do Brasil em Portugal, Paes de Andrade, negou ter oferecido qualquer tipo de assistência a Valério durante sua viagem a Lisboa. Pois é, ministro em Portugal recebe qualquer um para tratar de qualquer coisa — "Você acredita nisso?", perguntaria Jefferson. Ainda em outubro de 2004, Marcos Valério também se encontrou em Lisboa com o vice-presidente do Banco



CHANTAGEM
Convencer o banco português a salvar o Econômico, de Calmon de Sá (à esq.), garantiria a Valério um silêncio de 200 milhões de reais. VEJA antecipou a chantagem

FERNANDO VIVAS



RQS nº 03/2005 - CN -
CPMI 0 PPRREIOS

15

3437

Doc

11/01/05

17h

30 Min.

Reunião Marcos Valério e Ricardo Espírito Santo - Banco do Espírito Santo de Portugal.

A AGENDA PRECIOSA DE DIRCEU

Treze dias antes de uma de suas viagens a Portugal, Valério e Ricardo Espírito Santo, representante do Banco Espírito Santo, trataram de negócios com o ex-ministro José Dirceu. O "pinóquio" disse não se lembrar

Espírito Santo, Ricardo Salgado. Segundo o banco, Valério foi recebido para oferecer em Portugal os serviços de sua agência de publicidade. Salgado teria respondido a Valério que ele deveria se dirigir à filial do Banco Espírito Santo no Brasil. Mas nada se compara ao grande projeto de Marcos Valério.

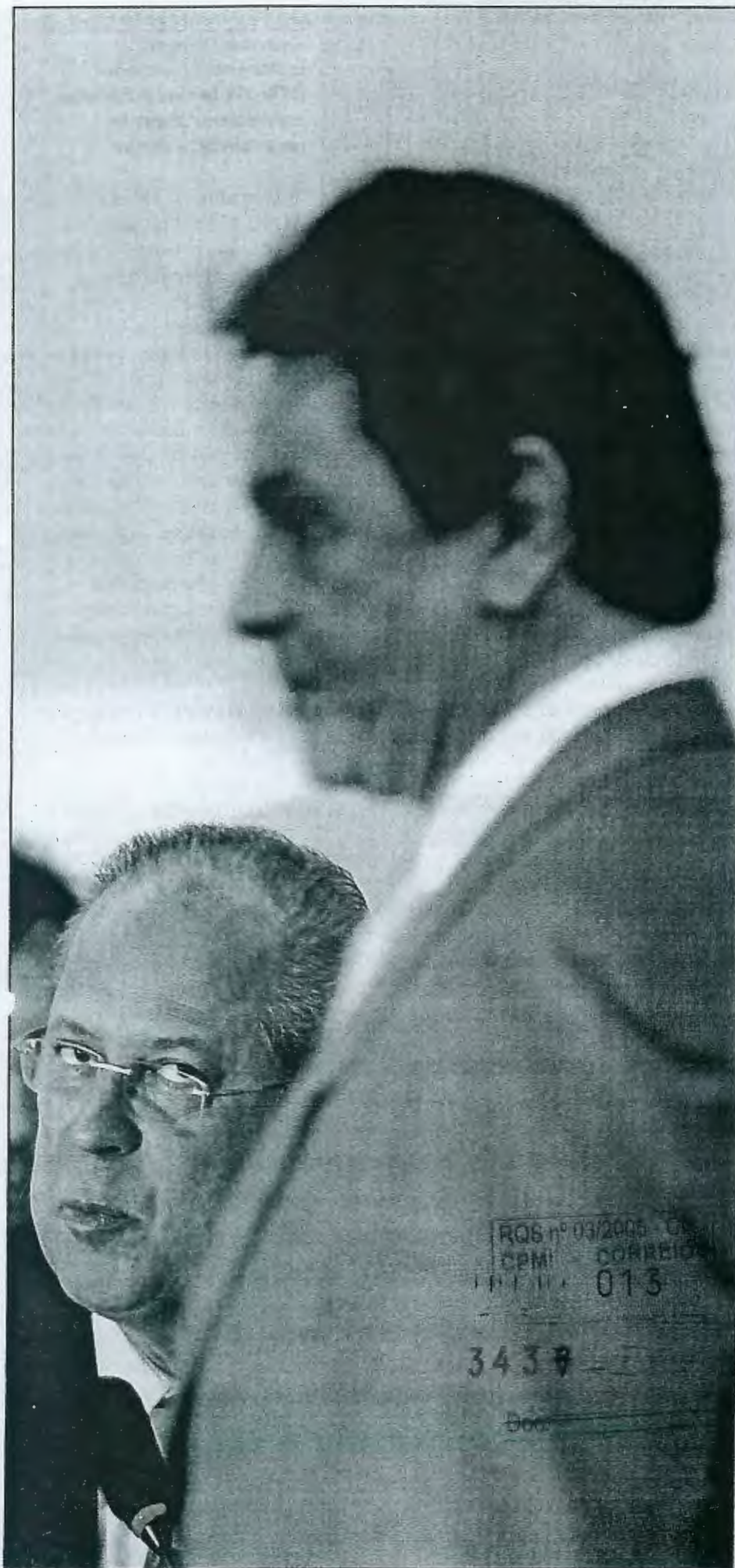
VEJA descobriu qual era seu maior interesse no mundo empresarial português. Há três semanas, a revista revelara que o publicitário-lobista ameaçava o governo de contar tudo o que sabe sobre o esquema de corrupção. Exigiu, para silenciar-se, 200 milhões de reais, que, segundo ele, viriam da intermediação do fim da liquidação do Banco Econômico. Esse valor equivale a 20% do que o ex-controlador da instituição, Ângelo Calmon de Sá, pretende levar se o Banco Central autorizar o fim do processo nos moldes propostos pelo ex-banqueiro. O que não se sabia naquela ocasião é que Calmon de Sá não era o único interessado no fim da liquidação do Econômico. Cerca de 30% do controle do banco está hoje nas mãos do Millennium Banco Comercial Português, uma das maiores instituições financeiras de Portugal — curiosamente, a maior concorrente do Banco Espírito Santo, com o qual Valério também andou namorando, numa espécie de adultério. Desde 1995, o banco português tem 36 milhões de dólares enterrados no Econômico. Quase desistiu desse crédito até conhecer um plano arquitetado por Valério e Calmon de Sá para tirar o Econômico do buraco. Segundo a proposta, o Millennium injetaria 5 bilhões de reais no Econômico, levantando a liquidação e assumindo o patrimônio do banco, estimado em 10 bilhões de reais. Nessa eventualidade, Calmon de Sá e

RENATA J. BRANQUILHÃO



RGS nº 03/2005 - CN =
CPM - CORREIOS
14 + 11 012

S. 3434
32 22



Valério saíam com comissões que lhes proporcionariam malas e malas de dinheiro. Animado, o banco português pediu à embaixada de seu país em Brasília que conferisse a viabilidade do negócio no Banco Central brasileiro. Os portugueses concluíram que uma injeção de 5 bilhões de reais realmente encerraria a liquidação do Econômico. Mas que, pelos cálculos do BC, o Millennium não sairia desse negócio com os 10 bilhões de reais mencionados por Valério. Ao contrário, jogaria 5 bilhões de reais no lixo. Por um motivo simples: como o Econômico foi liquidado pelo Proer, o que envolveu injeção de recursos públicos, o BC proíbe que os liquidados saiam com dinheiro no bolso. Valério tentou pressionar o BC a mudar de posição. Para isso, fez visitas a diretores da instituição e mandou ameaças veladas a vários deles. Considerava o assunto "em andamento" até

INSTINTOS PRIMITIVOS

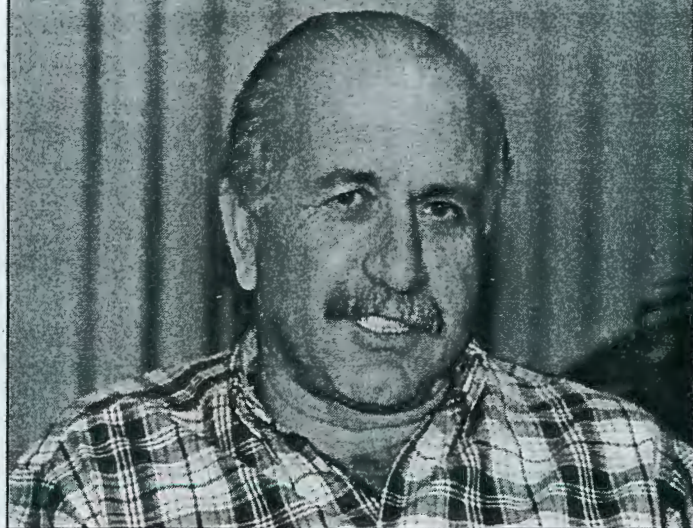
Dirceu (ao fundo), observa seu algoz: "Tratamos de assuntos republicanos e não-republicanos", afirmou Jefferson

estourar o escândalo do mensalão. A VEJA, o Millennium confirmou o interesse no desfecho da liquidação do Econômico, mas negou qualquer negociação com Valério. "Temos como

exclusivo interesse a recuperação do crédito junto ao Econômico", diz Paulo Fidalgo, diretor de comunicação do banco. "Mas desconhecemos qualquer história em que o senhor Marcos Valério seja parte ou protagonista."

O interesse de Valério pelas empresas portuguesas explica-se nem tanto pelo montante que elas já têm investido no país, mas pela perspectiva de novas frentes. No ano passado, Portugal injetou 570 milhões de dólares no Brasil, o que representa a oitava posição no ranking de investidores estrangeiros. O valor é nada menos do que 200% acima dos investimentos feitos em 2003. As principais empresas portuguesas no Brasil são Portugal Telecom, Energias do Brasil e Sonae Supermercados. O Grupo Espírito Santo, o terceiro maior conglomerado empresarial português, já teve presença mais forte no Brasil. Segundo maior acionista da Portugal Telecom, protagonizou uma grande negociação em 1997, quando comprou o Banco Boa Vista, do Rio de Janeiro. Seus só-

cios na empreitada foram o Grupo Monteiro Aranha e os franceses do Crédit Agricole. Dois anos mais tarde, o negócio naufragou, causando prejuízo de 270 milhões de dólares para cada um dos sócios. A solução foi revender o Boa Vista ao Bradesco. Mas isso não desanimou os banqueiros portugueses, dispostos a fincar bandeira no Brasil. O segundo movimento foi procurar um parceiro mais forte: estreitaram laços com o próprio Bradesco. Hoje, o banco brasileiro possui 6,5% do Espírito Santo em Portugal e aproximadamente 20% da subsidiária brasileira. Os portugueses, por sua vez, detêm em torno de 3,5% do capital total do Bradesco e 16% da Bradespar, o braço de participações do banco. Desde 2001, o braço brasileiro do Espírito Santo não parou de crescer e hoje é o sexto maior banco de investimentos do país. Especializou-se no rentável



O TURISMO DO STRESS

Emerson Palmieri, tesoureiro informal do PTB: diz ter ido a Portugal com Valério somente para "aliviar o stress"

principalmente na Europa. Hoje, além das atividades bancárias, o Grupo Espírito Santo tem participação acionária no grupo Accor de hotéis e no Shopping Villa-Lobos, em São Paulo, entre outros investimentos.

mercado de fusões e aquisições. Em apenas dois negócios, mostrou sua força: foi quem intermediou a compra da operação brasileira do Banco Bilbao Vizcaya pelo Bradesco (800 milhões de dólares) e a aquisição da Tele Centro-Oeste Celular pela joint venture Telefônica-Portugal Telecom (1 bilhão de dólares). Outro ramo em que o grupo operou fortemente foi na colocação de papéis da dívida privada brasileira no mercado internacional,

Mas está certamente na telefonia o maior interesse empresarial português no país. O setor deverá entrar em breve numa nova fase. Barreiras legais que impedem a atuação nacional de empresas de telefonia fixa deverão cair em breve, o que aumentará a disputa pelo controle do setor. Além disso, várias companhias de telefonia celular deverão ser vendidas em breve. A Telemig, uma delas, é estratégica para a Vivo — e, portanto, também para a Portugal Telecom, que divide com a espanhola Telefônica o

TEM DINHEIRO VOANDO POR AÍ

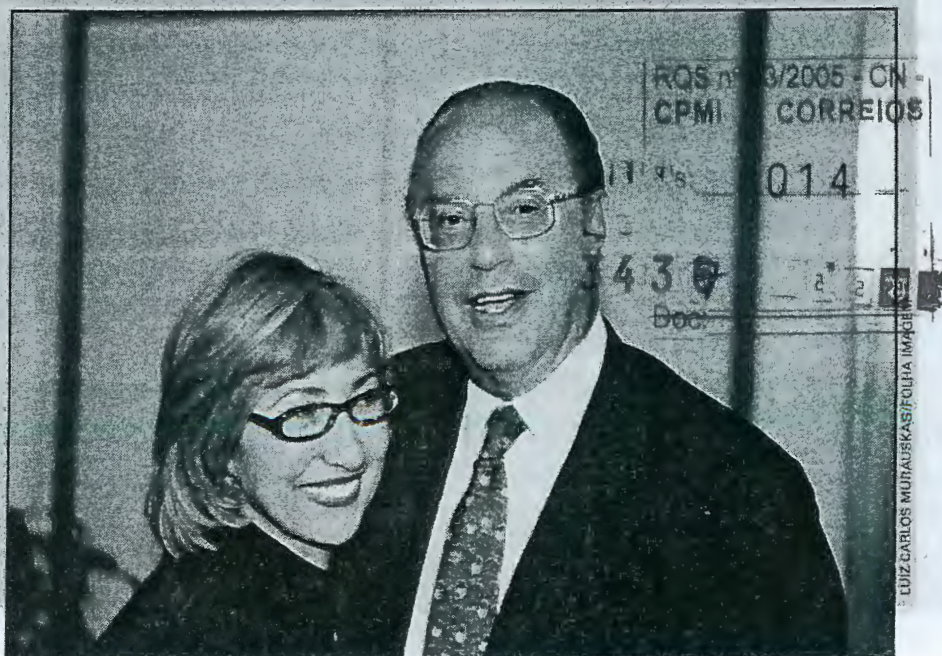
O publicitário Duda Mendonça, em nota divulgada na sexta-feira, negou que tivesse recebido 15 milhões de reais das contas de Marcos Valério por intermédio de sua sócia, Zilmar Fernandes, como havia afirmado a diretora financeira da SMPB, Simone Vasconcelos, à Polícia Federal. Em seu depoimento, Simone disse que o dinheiro era entregue a Zilmar pelo policial civil David Alves. Ouvido na quinta-feira pela CPI dos Correios, Alves desmentiu Simone. Disse que o dinheiro que sacava era entregue à própria diretora financeira da SMPB e a Cristiano Paz, sócio de Valério na empresa. Zilmar Fernandes, que trabalhou com Duda na campanha de Paulo Maluf em 1992, atuou também na que elegeu Lula. Era

responsável, entre outras coisas, pela "repaginação visual" do casal Lula e Marisa Leticia. Assim como Zilmar e Duda, diversos deputados que confirmaram ter sacado dinheiro das contas de Valério vêm reclamando que o empresário e sua diretora financeira têm atribuído a eles valores superio-

res aos que efetivamente recebiam. Se for verdade, alguém está tentando empurrar dinheiro a mais no colo de alguns. Seria para poupar outros? Deputados como Sandro Mabel (líder do PL) e Pedro Henry (PP), por exemplo, acusados nominalmente por Roberto Jefferson de ser recebedores do mensalão, até agora não apareceram em lista nenhuma.

DE MALUF A LULA

Zilmar, responsável por "repaginar" o presidente e a primeira-dama: 15 milhões no ar





ROBERTO JEFFERSON FILHO

REPRESENTANTE OFICIAL

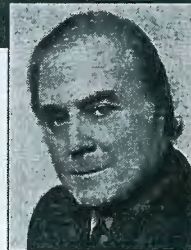
Segundo o embaixador Paes de Andrade, Valério não recebeu nem pediu apoio dos diplomatas em Lisboa

controle da empresa no Brasil. Forneceria à companhia a última peça que falta no Sudeste para lhe dar cobertura nacional. A Vivo tentou obter licença junto à Anatel para operar uma nova empresa de telefonia móvel em Minas Gerais, mas o pedido foi negado. A única saída foi partir para a aquisição. Os dois caminhos para comprar a Telemig são a Previ, fundo de pensão do Banco do Brasil, e o Opportunity de Daniel Dantas. A Portugal Telecom optou por negociar com Dantas, e as conversas se estenderam de setembro de 2004 até o fim do ano. Chegou-se a fechar um acordo, mas na última hora ocorreu um problema decorrente da longa queda-de-braço de Dantas com seus sócios. O Citibank, já convencido pelos fundos de pensão a destituir o Opportunity da gestão de seus recursos, freou a operação. Dantas ainda tentou leiloar sua participação na Telemig no fim de março, mas acabou impedido pela Justiça de Nova York, cidade que sedia o Citibank. A Portugal Telecom admite ter fracassado em todas as frentes. E diz que seu interesse pela Telemig está reduzido devido à opção tecnológica da empresa (que escolheu a tecnologia GSM, que Daniel Dantas queria, em vez da CAMA, adotada pela Vivo). Em meio a essas dificuldades, as empresas decidiram abrir as portas ao embaixador Marcos Valério. ■

Com reportagem de Lucila Soares e
Antonio Ribeiro, de Paris

TALES ALVARENGA

Lula "Jatobá" da Silva



Se em terra de cegos quem tem um olho é rei, devemos eleger Roberto Jefferson rei do Brasil. Sobre a quadrilha montada nos altos escalões do PT para beneficiar com doações um número imenso de petistas e aliados, o presidente Luiz Inácio "Jatobá" da Silva não viu nada, não ouviu nada, não percebeu nada, segundo afirma diariamente em seus discursos cheios de brio. O Jatobá original, personagem cego da novela *América*, da Rede Globo, é um desses tipos que sofrem de otimismo panglossiano. É cego, mas vê tudo cor-de-rosa. Lula é também um otimista sem causa. Para o presidente, o seu é o melhor dos governos possíveis, sua honestidade pessoal é a mais alta entre a de todos os brasileiros, e se a imprensa pensa diferente é porque ela só gosta de notícia ruim.

Lula é o nosso Jatobá barbudo. O país está metido no maior escândalo político da história e ele continua cego às evidências. Na terça-feira passada, seu ex-brasão-direito José Dirceu era apontado pelo deputado Roberto Jefferson, na Comissão de Ética da Câmara, como o chefe da quadrilha que operava o mensalão. Pois nesse exato momento de vexame para o governo petista, Lula aparece dizendo que a imprensa é culpada pelo baixo-astral do país. Por quê? "Como minha mãe dizia, coisa ruim sempre tem privilégio sobre coisa boa no noticiário", explica o presidente. Se o otimismo de Lula for verdadeiro, ele é alienado. Se for falso, é desonesto.

O ex-tesoureiro do partido Delúbio Soares também não viu nada de anormal acontecendo. Apenas pagamento de dívidas de campanha eleitoral, afirmou ele na CPI dos Correios. Como se esse fosse um alibi para qualquer tipo de transação criminosa com dinheiro de "doadores" ou com contribuição extor-

quida por meio de tráfico de influência em órgãos do governo. Também nada viram de excepcional Silvio Pereira, que se demitiu da secretaria-geral do PT, Marcelo Sereno, expelido da Casa Civil, e Paulo Rocha, ex-líder do partido na Câmara, que recebeu "doações" da conta do publicitário Marcos Valério.

Diante dessa enxurrada de petistas cegos, aos quais se somam dezenas de outros políticos, entre petistas e não petistas, o deputado Roberto Jefferson, do PTB, viu até demais. Denunciou a rou-

balheira, deu nomes e disse quem fazia o que na quadrilha. Nada do que Roberto Jefferson revelou foi desmentido até agora. Até mesmo contra si próprio Roberto Jefferson depôs. Nunca alguém denunciou tanto e com tamanha eficácia. Nem Pedro Collor conseguiu detalhar o mapa da corrupção com as minúcias apresentadas agora por Roberto Jefferson.

Jefferson tem excelente domínio de palco. É destruidor no conteúdo, irônico no tom, melodramático nas pausas,

quando dá tempo aos cérebros ouvintes de captar o alcance do que acaba de dizer. No silêncio, abaixa o tronco e a cabeça, eleva os olhos para seu alvo e faz com que aqueles olhos sombrios mostrem o tamanho de seu desprezo e a falta de limites de sua determinação. Na terça-feira passada, seu alvo era o deputado José Dirceu, que nada viu, nada fez. Jefferson, que também não é flor que se cheira, dá conta de apontar uma com pelo menos um olho confiável, aquele que não mente. O outro olho de Jefferson esteve parado nas piores práticas políticas deste país, sem que ele fizesse denúncias. Não importa. Nesta terra de cegos, com apenas um olho bom, Jefferson poderia ser coroado rei.

"Lula é o nosso Jatobá barbudo. O país está metido no maior escândalo político da história e ele continua cego às evidências. Delúbio Soares, Silvio Pereira e José Dirceu também não viram nada. Nesta terra de cegos, Jefferson poderia ser rei"

DIRCEU, O EX-MEST

Ex-ministro depõe, tenta enrolar os deputados, mas vê suas mentiras cair por terra em tempo recorde

Juliana Linhares e Julia Duailibi

O aguardado duelo travado na terça-feira passada entre o ex-ministro José Dirceu e o deputado Roberto Jefferson no Conselho de Ética da Câmara teve tudo o que se esperava dele: fartas doses de mordacidade e frieza (das duas partes), exibições de virtuosismo retórico (da parte de Jefferson, claro) e mais uma nova pista da corrupção oficial dada por um de seus participantes mais íntimos. O estoque de denúncias feitas por Jefferson surpreende não apenas por parecer infinito, mas pelo fato de seu dono não errar nunca. Dessa vez, Jefferson apontou a existência de uma conexão portuguesa do PT (veja reportagem na pág. 60). Como

atração extra, revelou acalentados "sentimentos primitivos" em relação ao seu adversário — a quem, sarcasticamente, só se referiu como "humilde deputado" (Dirceu vingou-se do tratamento, ao que tudo indica de maneira involuntária, ao chamar o petebista o tempo todo de "Jérifisson", com o postigo sotaque caipira cheio de "erres" que cultiva). Jefferson, enfim, mostrou que continua disposto a ser o homem-bomba da verdade. Já Dirceu demonstrou ser o homem-estalinho da mentira — ou seria "stalinzinho"? Ao optar por não deixar perguntas sem resposta, o ex-chefe da Casa Civil atropelou a verdade diversas vezes. Deu-se mal. Suas lorotas caíram por terra em tempo recorde (veja quadro abaixo).

Dirceu mentiu quando: disse que desconhecia os empréstimos contraídos pelo PT via Marcos Valério, negou ter relação com a Portugal Telecom, declarou jamais ter proposto qualquer coisa ilícita a deputados ou partidos e afirmou estar distante do PT desde 2002. Mentiu também quando disse que "não é fato" que seu assessor informal e fiel escudeiro Roberto Marques, o "Bob", tenha sido autorizado a sacar 50 000 reais de uma conta do empresário Marcos Valé-

rio. A informação, revelada por VEJA na semana passada, foi confirmada posteriormente por dois outros veículos: os jornais *Folha de S.Paulo* e *Correio Braziliense* — que publicaram a mesma notícia com base em fontes diferentes das ouvidas por VEJA. Uma das fontes da revista, no entanto, resolveu desmentir a si própria no sábado em que VEJA chegou às bancas. O deputado Carlos Abicalil (PT-MT), sub-relator da CPI dos Correios, tinha declarado que o assessor de Dirceu o havia procurado para informar-se sobre o aparecimento de seu nome na lista de sacadores de Valério. Em entrevista gravada, Abicalil confirmou que os Robertos eram a mesma pessoa. Mais tarde, divulgou nota negando o que dissera. E sumiu sem deixar rastros. "Desconfio que ele tenha recebido uma ordem do PT para se desmentir", afirma o senador Alvaro Dias (PSDB-PR).

Estranhamente, atitude semelhante à de Abicalil foi adotada pela diretora financeira da SMPB, Simone Vasconcelos. A reportagem em que VEJA revelou a autorização de saque para o assessor de Dirceu reproduzia um fax emitido pelo Banco Rural em nome de Roberto Marques. Com base no documen-

O DEPUTADO PINÓQUIO

As declarações do ex-ministro José Dirceu, feitas no depoimento dado na terça-feira passada ao Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, não se sustentaram por mais do que algumas horas

A AFIRMAÇÃO

"Não tinha conhecimento desses empréstimos nem de que a distribuição era feita pelo Banco Rural"

O DESMENTIDO

Na mesma terça-feira, Marcos Valério afirmou à Procuradoria-Geral da República que os empréstimos feitos por ele em benefício do PT tiveram, sim, o aval de Dirceu. afirmou ainda que o ex-ministro participou de diversas reuniões com os dirigentes dos bancos para tratar do assunto

Tempo que a mentira durou
12 horas

A AFIRMAÇÃO

"Nunca tive relação com a Portugal Telecom de nenhum tipo"

O DESMENTIDO

Em ofício enviado à CPI dos Correios na quarta-feira passada, a Casa Civil informou que, em janeiro deste ano, o ex-ministro recebeu no Palácio do Planalto o banqueiro Ricardo do Espírito Santo Salgado, do Banco Espírito Santo, um dos principais acionistas da Portugal Telecom. Salgado estava acompanhado por Marcos Valério. Dirceu ainda esteve em Portugal em junho, quando jantou com o presidente da Portugal Telecom, Miguel Horta e Costa

Tempo que a mentira durou
24 horas

A AFIRMAÇÃO

"Jamais propus para qualquer deputado, senador ou líder qualquer proposta que não fosse lícita"

O DESMENTIDO

Em entrevista dada ao colunista de VEJA Diogo Mainardi (veja na pág. 137) na quinta-feira, o deputado José Janene, líder do PP, confirma que Dirceu negociou o pagamento de 600 000 reais para o PP em troca do apoio da bancada

Tempo que a mentira durou
48 horas

A AFIRMAÇÃO

"Não acompanho mais a vida orgânica do PT desde dezembro de 2002"

O DESMENTIDO

O mesmo ofício da Casa Civil, enviado a pedido da CPI, revela que Dirceu, enquanto era ministro, se encontrou 14 vezes com Delúbio Soares, ex-tesoureiro do PT, 16 vezes com Sílvio Pereira, ex-secretário do partido, e 11 vezes com José Genoíno, ex-presidente do PT

Tempo que a mentira durou
24 horas

RQS nº 032005 - CN.
CPMI - CORREIOS

4111 016

343

4

Doc:

3

>

1

RE DOS DISFARCES

to, a *Folha de S. Paulo* procurou Simone a fim de checar a informação de que se tratava do Bob de Dirceu. Por intermédio da assessora de imprensa da SMPB, Claudia Leal, Simone respondeu positivamente. A assessora da SMPB chegou a ensaiar uma descrição física de Bob e comentar que "o assessor do Dirceu é pau para toda a obra". Na terça-feira, em depoimento à Procuradoria da República, Simone, como o deputado Abicalil, voltou atrás na confirmação da informação. Curiosa sintonia. Curioso também que, na mesma terça-feira em que Simone depôs na Procuradoria, José Dirceu tenha usado seu depoimento ao Conselho de Ética para sugerir que o documento autorizando o saque de Bob havia sido "plantado". Não foi, como confirmam a Polícia Federal e membros da CPI. "O documento veio de duas fontes distintas: da PF e do Banco Rural", diz o senador Alvaro Dias. "Além disso, ele segue o mesmo padrão das demais autorizações de saque que recebemos." O senador se refere ao fato, constatado pela PF, de que centenas de autorizações para saques, à semelhança daquela que diz respeito a Bob, não trazem o RG do sacador autorizado. Em

MONTAGEM SOBRE FOTO DE DIDA SAMPAIO/AE

A AFIRMAÇÃO

"A informação de que Roberto Marques fez um saque de 50 000 reais não é fato. O documento não é reconhecido pela CPI"

O DESMENTIDO

A informação de que o assessor do ex-ministro foi autorizado a sacar 50 000 reais das contas de Marcos Valério, revelada por VEJA, foi confirmada por fontes ouvidas por outros três veículos de comunicação. A CPI não só reconhece o documento do Banco Rural que autoriza o saque de Roberto Marques como decidiu, no dia seguinte ao depoimento de Dirceu ao Conselho de Ética, chamar o assessor do ex-ministro para depor

A AFIRMAÇÃO

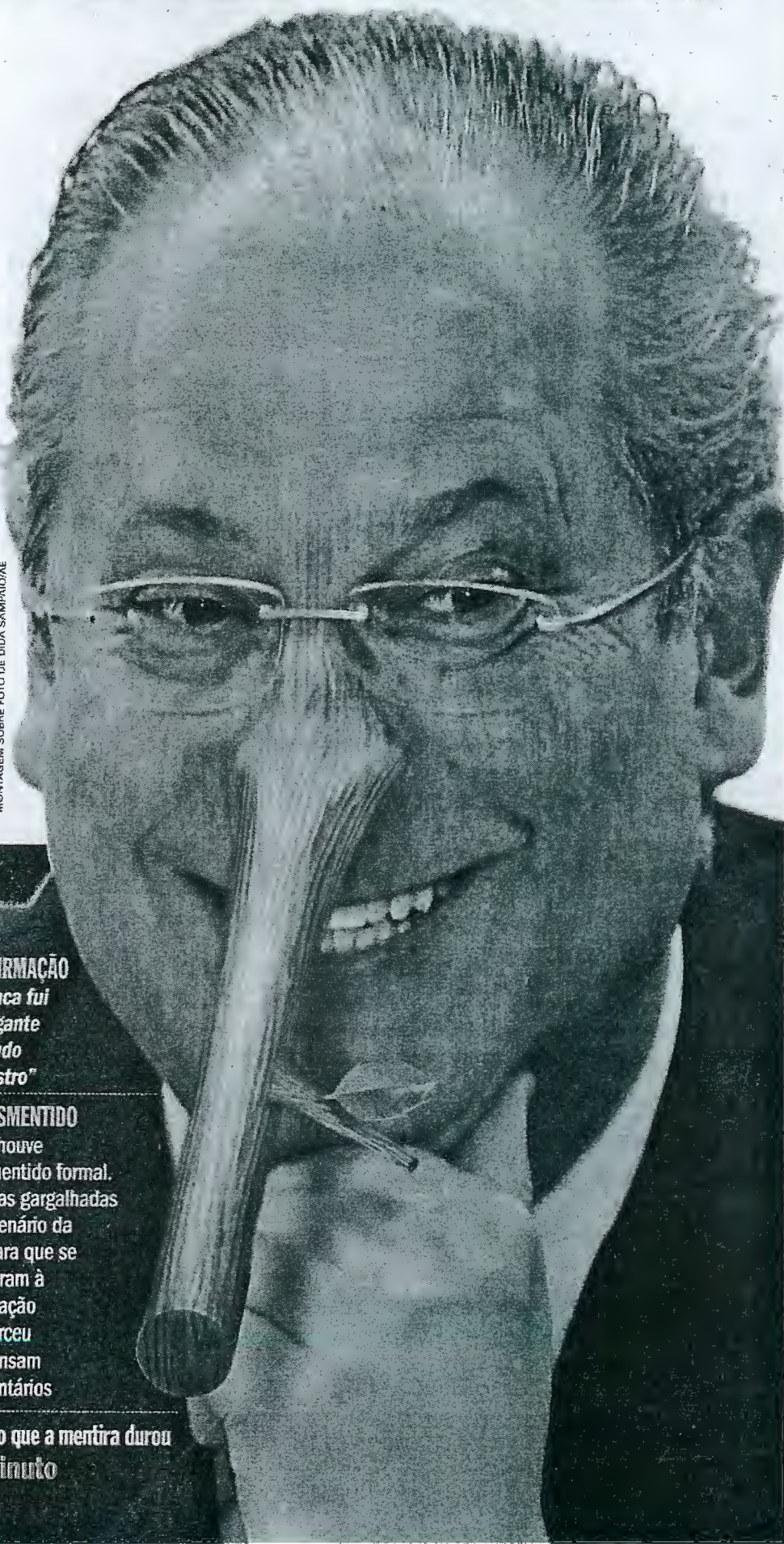
"Nunca fui arrogante quando ministro"

O DESMENTIDO

Não houve desmentido formal. Mas as gargalhadas no plenário da Câmara que se seguiram à afirmação de Dirceu dispensam comentários

Tempo que a mentira durou
24 horas

Tempo que a mentira durou
O minuto



ROS nº 03/2005 - CN =
CPMI - CORREIOS

017

3434

Doc:

3

>

ONDE ESTÁ BOB?...



CLAUDIO ROSSI

...SEMPRE ATRÁS, É CLARO



JONNE RORZAE

VEM, BOB, VEM...

Marques, que foi autorizado a sacar dinheiro da SMPB, é de uma fidelidade canina a Dirceu, que o humilha sempre que pode: no alto, chefe e secretário durante comício da campanha presidencial de 1994; acima, em caminhada na Avenida Paulista, em São Paulo, pela candidatura de Marta Suplicy; ao lado, num calçadão do Recife, em março deste ano; e, abaixo, no encontro nacional de vereadores e deputados do partido, em São Paulo, em 2003



ED FERREIRA/ABE

nota divulgada na sexta-feira, Bob não desmente que seja o Roberto Marques do documento. Espertamente, diz apenas que não sacou dinheiro do Banco Rural. Ninguém afirmou isso. Documentos publicados por VEJA mostram que ele foi "autorizado" a fazer a retirada — que acabou sendo efetivada por um certo Luiz Mazano, da corretora Bonus-Banval. Investigada por suspeita de envolvimento em lavagem de dinheiro, a corretora, que inicialmente havia informado que o tal Mazano seria um homônimo de um funcionário seu, agora admite que o Mazano é um só. Seu cargo na Bonus-Banval: motorista, e não contador, como havia sido divulgado. Pois é, um motorista foi autorizado a sacar 50 000 reais, no lugar de Bob. Será que ele entregou o dinheiro a Bob ou ao chefe deste?

Bob Marques começou a trabalhar com Dirceu quando o ex-ministro ainda era deputado estadual em São Paulo. Pelo menos quinze dos 40 anos de vida que completará nesta quarta-feira, ele passou ao lado do chefe, a quem dedica canina devoção. Na última terça-feira, podia ser visto no cafezinho da Assembleia Legislativa de São Paulo, onde oficialmente está lotado há vinte anos, conversando com um grupo de deputados e assessores. O assunto: o "Zé". Dizia Bob: "O Zé não sabia de nada. O Genóio é que foi um idiota. Deixou as coisas correrem soltas no partido e aí o Silvinho e o Delúbio fizeram o que quiseram". E repetia: "O Zé está limpo nessa". Defender os interesses do "Zé" sempre foi a missão de Bob, ainda que seu salário (8 000 reais) provenha da Assembleia, onde, desde 2003, ocupa o cargo de assessor especial parlamentar da Primeira Secretaria da Mesa Diretora.

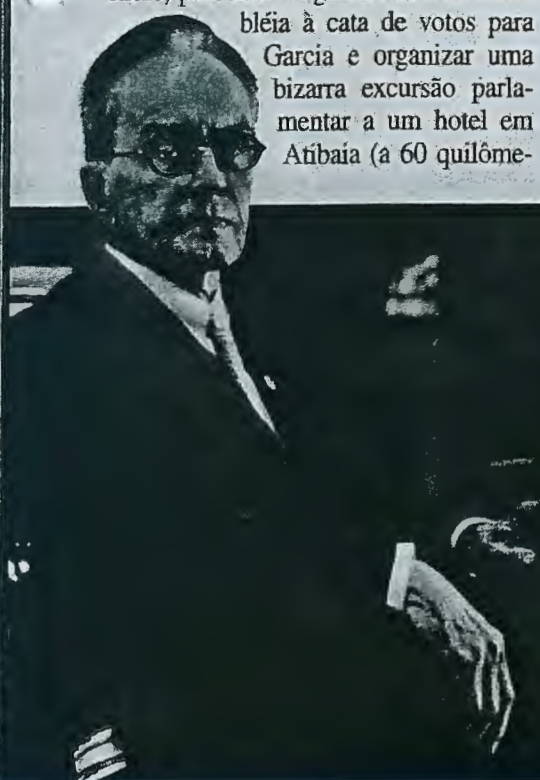
Em março deste ano, por exemplo, Bob trabalhou duro para o chefe. Na ocasião, estava em curso a eleição para a presidência da Assembleia Legislativa paulista. Interessava ao PT, e particularmente a Dirceu, derrotar os tucanos na disputa. Os petistas haviam acabado de sofrer uma fragorosa derrota na Câmara dos Deputados com a eleição de Severino

DIDA SAMPAIO/ABE

"O documento que autoriza o saque em nome de Roberto Marques segue o mesmo padrão de todas as demais autorizações de saque que recebemos. Tenho convicção de que o Roberto Marques autorizado a sacar e o assessor do ex-ministro José Dirceu são a mesma pessoa."

Senador Alvaro Dias (PSDB/PR)

Cavalcanti, do PP, para a presidência da Casa. O apoio do PSDB a Severino foi decisivo no processo. Dirceu não engoliu o episódio e queria dar o troco aos tucanos. Ordenou que o PT paulista providenciasse a candidatura do deputado Rodrigo Garcia (PFL) para concorrer com Edson Aparecido, que disputava o cargo pelo PSDB. A Bob coube, a mando do chefe, percorrer os gabinetes da Assembleia à cata de votos para Garcia e organizar uma bizarra excursão parlamentar a um hotel em Atibaia (a 60 quilôme-



JONAS OLIVEIRA/FOLHA IMAGEM

tros de São Paulo), visando a garantir a vitória petista. O grupo de excursionistas, formado por cerca de trinta deputados, incluía parlamentares já devidamente convencidos a dar seu voto para Garcia e outros inclinados a fazê-lo. Confinar a turma por três dias em um hotel e só liberá-la às vésperas da eleição foi a forma encontrada por Dirceu para reduzir o risco de os deputados mudarem de idéia na votação. Dias depois da eleição, que deu a vitória a Garcia, parlamentares reunidos no plenário da Assembleia testemunharam o orgulho de Bob pelo sucesso da missão. Ao vê-lo entrar no salão, o deputado Roque Barbiere (PTB) gritou: "Olha o filho do Zé Dirceu!". Ao que Bob respondeu: "E com muita honra". Na Assembleia, Bob atrai simpatias mais pelo jeito bonachão do que pela capacidade de fazer análises políticas encorpadas — o que, afirmam deputados, não é o seu forte. Sua devoção a Dirceu faz com que ele suporte calado as sucessivas humilhações a que o chefe o submete. O ex-ministro é conhecido pelo hábito de falar com seus subor-

dinados aos berros — mesmo em público. Bob é seu alvo predileto.

O assessor informal de Dirceu passa boa parte de seu tempo em Brasília. Viaja para lá pelo menos duas vezes por semana, sempre para tratar com o chefe, e tem livre trânsito nos principais andares do Palácio do Planalto. O relator da CPI dos Correios, Osmar Serraglio, quer convocar Bob para depor. Será uma oportunidade para que ele fale à vontade sobre seu assunto favorito (o "Zé") e, quem sabe, responda a algumas perguntas que não querem calar. Por exemplo: quem paga suas viagens a Brasília? (A Assembleia Legislativa não é, conforme informou a liderança do PT na Casa.) Por que razão o assessor informal do ex-ministro da Casa Civil estaria autorizado a sacar dinheiro da conta de um empresário acusado de ser o principal operador do mensalão? Por que a autorização dada a ele foi transferida no dia seguinte para uma corretora acusada por Simone Vasconcelos de repassar dinheiro de Valério a deputados petistas? Espera-se que, ao responder a essas e outras questões, Bob

"O fato de pessoas terem confirmado que esse Marques do saque era o assessor do deputado José Dirceu e depois desmentirem não me surpreende. Essas pessoas mentem tanto que não merecem credibilidade."

Senador Jefferson Peres (PDT/AM)

não siga o exemplo do chefe — que, se já provou ter talento de sobra para encarnar um personagem fictício no período da ditadura, não vem sendo sucedido na tentativa de ocultar verdade que dizem respeito a roubo de dinheiro público.

ROS 03/2009
CPI - CORREIOS
3438

Com reportagem de Camila Pereira e Chrystiane Silva

O ritmo da crise provocada pela exposição da mais espantosa e abrangente máquina de corrupção já montada no país é de tirar o fôlego. Muitas vezes, são tantos os desdobramentos que parecem ultrapassar a capacidade de acompanhá-los. Por isso, recapitular o desenrolar dos acontecimentos tem dois efeitos importantes.

Primeiro, reativar na memória fatos que, embora tão recentes — e vitais —, parecem superados pela constante avalanche de novas revelações.

Mentiras, desmentidas, acusações que se comprovam genuínas, renúncias e quantidades cada vez mais alucinantes de dinheiro formam uma massa crítica capaz de calcinar tudo o que passa em sua órbita. Segundo, lançar a luz límpida da realidade sobre os fins da roubalheira sistêmica: sustentar o PT em suas múltiplas necessidades, comprar aliados em massa, cobrir gastos de campanhas passadas e montar o caixa de eleições futuras. Tudo isso feito pelos mais importantes colaboradores do presidente — hoje conhecidos, resumidamente, como “a quadrilha”. O acompanhamento da evolução das declarações de Luiz Inácio Lula da Silva sobre a crise, desde o “olha para a minha cara para ver se estou preocupado”, do fim de maio, até o “eles vão ter que me engolir” da quarta-feira passada, mostra um político sem controle, sem capacidade de entender a crise nem de liderar sua gente num momento crítico, sem real compromisso com o país além do palavrório vazio, sem apoios, sem noção, sem compostura. Sem, infelizmente, vergonha.



■ O fato fundador de toda a crise vem à tona na reportagem de VEJA sobre o esquema de corrupção nos Correios. Num vídeo gravado secretamente, o chefe do departamento de contratação e administração de material dos Correios, **Maurício Marinho**, relata a roubalheira generalizada. “Se pode roubar de tudo nos Correios”, especifica, numa frase antológica. Marinho diz que atua em nome do PTB e do deputado Roberto Jefferson: “Ele me dá cobertura, fala comigo, não manda recado”. No fim da conversa, num gesto gravado na memória nacional, embolsa um maço de 3 000 reais, a título de adiantamento de propina.

■ Marinho é afastado do cargo.

■ Caem o diretor de administração dos Correios, Antonio Osório Batista, e seu assessor imediato, Fernando Godoy.

■ Em entrevista ao programa *Roda Viva*, o ministro da Casa Civil, José Dirceu, nega ter conhecimento de qualquer esquema nos Correios e entoa um desmentido clássico: “Este é um governo que não rouba, não deixa roubar e combate a corrupção”.

■ Mauricio Marinho diz que fez tudo sozinho e é vítima de armação.

■ Os Correios cancelam licitação para a compra de 61 milhões de reais em medicamentos, processo comprometido citado explicitamente por Marinho num trecho da gravação.

■ Oposição pede a criação de uma CPI dos Correios.

■ VEJA reporta a pressão de Roberto Jefferson para obter mesada de 400 000 reais para o PTB em outra estatal, o Instituto de Resseguros do Brasil (IRB). O pedido foi feito a Lídio Duarte, então presidente do IRB, que posteriormente se demitiu.

■ Em depoimento à Polícia Federal, Maurício Marinho diz não ter ligações com Jefferson, nega a existência de um esquema de corrupção nos Correios e afirma de novo que foi vítima de "armação". Os 3 000 reais que embolsou eram pagamento de um "trabalho de consultoria". É indiciado por crime de corrupção passiva e fraude à licitação.

■ O governo tenta impedir a criação da CPI dos Correios liberando 12 milhões de reais em emendas para parlamentares da base aliada. A CPI é aprovada.

■ VEJA publica denúncia do senador Fernando Bezerra (PTB-RN) de esquema em andamento nos Correios para favorecer a Novadata — empresa de um amigo de Lula — em licitação milionária.

■ Técnicos da Controladoria-Geral da União (CGU) encontram "indícios de irregularidades generalizadas" em licitações dos Correios. Todos os contratos viram objeto de escrutínio — o resultado desse trabalho ainda não foi divulgado.

"OLHA PARA A MINHA CARA PARA VER SE ESTOU PREOCUPADO", O PRESIDENTE, A RESPEITO DA CRIAÇÃO DA CPI DOS CORREIOS, QUE O GOVERNO TENTAVA SABOTAR

■ Tropa de choque desfecha "operação abafa" para torpedear a CPI. Exponentes: os deputados petistas João Paulo Cunha e Paulo Rocha e José Janene, do PP, cujos nomes voltarão a aparecer em contexto mais comprometedor. Eles fracassam.

■ Lídio Duarte, ex-presidente do Instituto de Resseguros do Brasil, depõe na Polícia Federal e qualifica de "fantasiosa" a reportagem de VEJA que dizia que o IRB arrecadava 400 000 reais por mês para o deputado Roberto Jefferson.

■ VEJA divulga fita com entrevista na qual Duarte conta detalhes sobre a arrecadação mensal ilícita feita a instâncias de Jefferson.

■ É o dia D do mensalão. Considerando que as denúncias que o envolvem são parte de uma conspiração para desestabilizá-lo, o deputado Roberto Jefferson dá a entrevista explosiva ao jornal *Folha de S. Paulo* na qual lança as acusações que crescerão como bola de neve. Fala pela primeira vez sobre a existência do suborno mensal de 30 000 reais feito a deputados da base aliada, em especial do PP e do PL. Nomeia seu principal operador: Delúbio Soares, tesoureiro do PT. Diz que relatou o fato ao presidente Lula e a ministros.

■ Por intermédio de terceiros, Lula confirma que de fato teve a reunião com Jefferson na qual o deputado falou sobre o mensalão.

■ O governador de Goiás, Marconi Perillo (PSDB), revela que também havia denunciado o mensalão, acrescido de um bônus por troca de partido, a Lula.

■ Os líderes do PT, PP e PL negam tudo. O petista José Genoíno: "O relacionamento do PT com outros partidos da base aliada se assenta em pressupostos políticos e programáticos"; Valdemar Costa Neto, do PL: tudo não passa "de invenção"; Pedro Corrêa, do PP: "Nunca soube" de deputados de seu partido recebendo o mensalão.

■ Citado por Maurício Marinho no vídeo da corrupção dos Correios como sendo um "homem-chave" do esquema de arrecadação de Jefferson, Roberto Salmeron deixa a presidência da Eletronorte.

■ Cai toda a diretoria dos Correios e do IRB.

"NÃO VAMOS ACOBERTAR NINGUÉM, SEJA LÁ QUEM ESTIVER ENVOLVIDO. CORTAREMOS NA PRÓPRIA CARNE, SE NECESSÁRIO", A DECLARAÇÃO MAIS POSITIVA DE LULA SOBRE A CRISE

■ No Conselho de Ética do Congresso, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, cava a própria e futura cova ao pedir a cassação do mandato de Roberto Jefferson, alegando que a denúncia do mensalão foi um ato de quebra de decoro parlamentar.

■ Marcos Vinícius Vasconcelos Ferreira, genro de Jefferson, pede demissão do cargo de assessor da Eletronuclear.

■ Instala-se a CPI dos Correios. O governo briga e leva os dois postos-chave: a presidência e a relatoria.

■ A Polícia Federal prende, alguns dias após, acusados de ter gravado o vídeo da corrupção dos Correios, feito por encomenda de um empresário contrariado. Até hoje foram os únicos presos de toda a crise.

Na segunda entrevista-bomba à *Folha de S. Paulo*, **Roberto Jefferson** amplia o ataque. O dinheiro do mensalão, termo já consagrado, vinha de estatais e empresas privadas e chegava a Brasília em malas. As negociações se davam numa sala ao lado do gabinete do ministro José Dirceu, onde ficava instalado o secretário-geral do PT, Silvio Pereira. Pela primeira vez, cita o nome do personagem que se tornaria o símbolo da crise: o publicitário mineiro Marcos Valério, apontado como operador do mensalão. Informa ter negociado com o PT uma ajuda de campanha "por fora" de 20 milhões de reais em cinco parcelas, mas só recebeu a primeira, de 4 milhões.

■ Os acusados refutam todas as acusações de Jefferson. José Janene, líder do PP, diz que ele é "louco, canalha e maníaco-depressivo"; José Dirceu, que "quer se transformar em vítima, mas é réu"; Genoíno nega que Marcos Valério seja operador de mensalão. Todos ameaçam processar o deputado.

A goiana Raquel Teixeira, deputada licenciada do PSDB, afirma que recebeu oferta em dinheiro para trocar de legenda, mas não conta de quem partiu a proposta.



ANA ARAUJO

■ Em histórica sessão do Conselho de Ética da Câmara, Jefferson faz picadinho dos adversários. Confirma todas as denúncias, assume que recebeu (e guardou) 4 milhões em caixa dois, reitera que José Dirceu era o comandante do esquema do mensalão. Como um anjo vingador de camisa lilás, profere: "Dirceu, se você não sair daí rápido, vai fazer réu um homem inocente, que é o presidente Lula". Cita nominalmente como beneficiários do suborno José Janene (PP), Valdemar Costa Neto (PL), Pedro Corrêa (PP), Sandro Mabel (PL), Bispo Rodrigues (PL) e Pedro Henry (PP). Todos negam.

■ Dirceu descarta demissão ou afastamento do cargo.

■ Silvana Japiassu, secretária particular de João Paulo Cunha (PT), diz ter ganho passagens aéreas e hospedagem de Marcos Valério e que este era visto com frequência no gabinete do deputado.

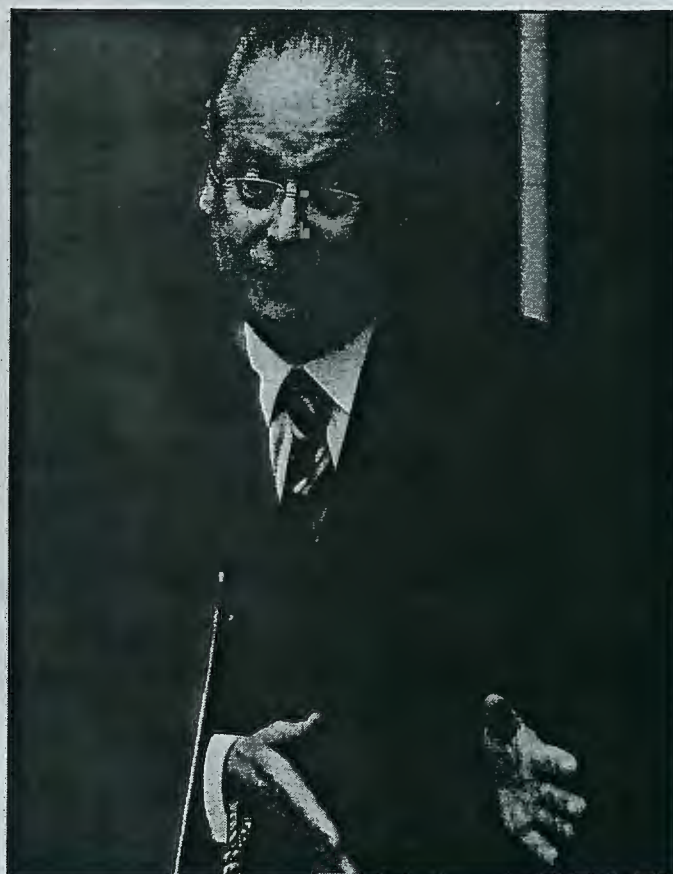
■ **Fernanda Karina Somaggio**, ex-secretária de Marcos Valério, diz em entrevista à revista *Isto É Dinheiro* que viu malas de dinheiro saírem das agências do publicitário e que seu patrão viajava para Brasília em jatinho do Banco Rural. O empresário mantinha contatos com José Dirceu, Delúbio e Silvio Pereira. A entrevista é maculada pela origem suspeita, mas as informações conferem com o perfil operacional de Marcos Valério que começa a se consolidar.

■ É pedida a instauração de mais uma CPI, a da Compra de Votos — popularmente, a do Mensalão.



PAULO FILGUEIRAS/AG. O GLOBO

■ Secretário-geral do PP, Benedito Domingos é o primeiro a confirmar o mensalão. A distribuição do dinheiro, diz, era feita no apartamento do deputado José Janene.



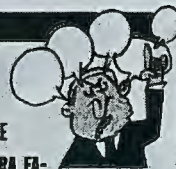
CELSO JUNIOR/IAE

■ **Cai José Dirceu.**

■ Roberto Jefferson se licencia da presidência do PTB.

■ Maria Christina Mendes Caldeira, ex-mulher do deputado Valdemar Costa Neto, diz que ele agia em estreita sintonia com Delúbio Soares. Menciona uma contribuição ilegal do governo de Taiwan para a campanha de Lula.

"NINGUÉM NESTE PAÍS TEM MAIS AUTORIDADE MORAL E ÉTICA DO QUE EU PARA FAZER O QUE PRECISA SER FEITO NESTE PAÍS" INAUGURA A LONGA SÉRIE DE TAUTOLOGIAS E AUTO-ÉLOGIOS EM QUE EMBARCA O PRESIDENTE.



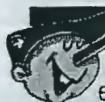
■ Mais uma CPI: o Supremo Tribunal Federal determina ao presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB), que nomeie os senadores para compor a CPI dos Bingos, efetivamente ordenando sua instalação.

■ O TCU (Tribunal de Contas da União) aponta "sobrepço" em dois contratos da empresa Skymaster Airline, sediada em Manaus, com os Correios. Mais uma denúncia de Jefferson ganha contornos de realidade.

■ Em depoimento ao Conselho de Ética, a deputada licenciada Raquel Teixeira diz que recebeu oferta de 30 000 reais mensais mais 1 milhão de luvas para trocar o PSDB pelo PL, feita pelo líder do partido na Câmara, Sandro Mabel. Ele nega tudo e diz que Raquel foi quem o procurou querendo mudar de partido.

■ Anunciada a saída de Aldo Rebelo, ministro da Coordenação Política, vítima da reforma ministerial com que Lula pretende recompor o chão que lhe some sob os pés.

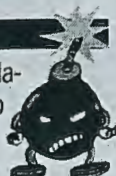
■ Em seu primeiro depoimento desde o início da crise, na Corregedoria da Câmara, José Dirceu nega todas as acusações feitas por Roberto Jefferson e diz que conhece Marcos Valério de passagem, tendo conversado com ele algumas vezes por telefone.



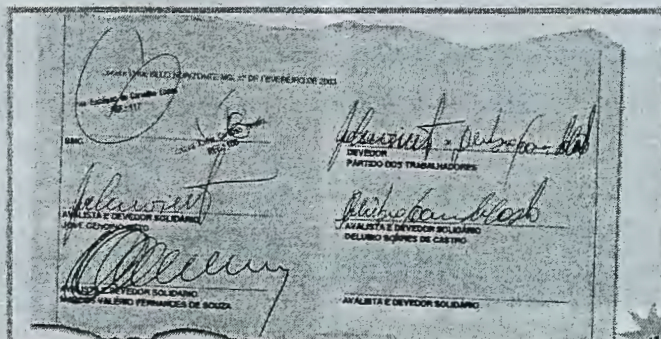
■ Marcos Valério afirma em entrevista a VEJA ter feito saques de quantias vultosas em dinheiro para comprar gado: "Lido com gado. Há fazendeiros que simplesmente não aceitam cheque". José Dirceu? Esteve "quatro ou cinco vezes na ante-sala" do ex-ministro para discutir política com Sandra Cabral, assessora-chefe da Casa Civil. As sucessivas visitas à sede do PT em Brasília haviam sido para "tomar um cafezinho com meu amigo Delúbio. Discutíamos futilidades e um pouco de política".

25/03

■ Roberto Jefferson relata à *Folha de S. Paulo* o desvio de 3 milhões de reais mensais da estatal Fumas Centrais Elétricas. Aponta como fonte o diretor de engenharia da estatal, Dimas Toledo. Divisão do butim: 1 milhão para o PT nacional, 1 milhão para o PT de Minas e o milhão restante era rachado entre a diretoria de Furnas e um pequeno grupo de deputados. ■ Caem Dimas Toledo e mais dois diretores de Furnas.



■ Consta-se que os saques feitos por Marcos Valério no Banco Rural e no Banco do Brasil coincidem com o troca-troca partidário para PL, PTB, PT e PP, partidos da base aliada do governo. Segundo o Coaf, entre agosto e outubro de 2003 Valério sacou 6,4 milhões de reais.



■ Aparecem as assinaturas comprometedoras: VEJA revela que Marcos Valério foi avalista, junto com Delúbio e Genoíno, de um empréstimo ao PT de 2,4 milhões de reais no BMG, em Belo Horizonte, em 2003. Consultado, Genoíno nega.

■ À noite, Genoíno volta atrás e admite tudo — mas diz que assinou "sem ler".



■ Reportagem da *Folha de S. Paulo* mostra que pelo menos cinco fundos de pensão ligados a estatais têm contratos com a Globalprev Consultores Associados, de dois ex-sócios do ministro da Comunicação e Ges-

tão Estratégica, Luiz Gushiken.

■ Silvio Pereira pede afastamento do PT. É o início do massacre de julho, quando rolam cabeças sem parar.



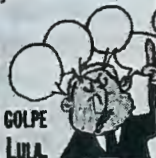
■ José Borba, que antes dizia conhecer Valério apenas em passant, renuncia à liderança

do PMDB na Câmara.

■ Delúbio Soares também rola.

■ Marcos Valério define-se na CPI dos Correios como "um brasileiro normal". Os vultosos saques eram para "pagar a fornecedores". Mensalão? Desconhece. Tampouco foi favorecido em concorrências públicas. Admite: "amizade" com Delúbio Soares ("Ele é bicho do mato, como eu"), o aval ao empréstimo já comprovado de 2,4 milhões de reais para o PT e intermediação de contatos do partido com os bancos BMG, Rural e Opportunity.

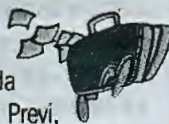
"ESTÃO QUERENDO MEXER NA MINHA VIDA PRIVADA. ISSO É UMA BAIXARIA, UM GOLPE BAIXO, UM DESRESPEITO", LULA, SOBRE AS REPORTAGENS MOSTRANDO A EXTRAORDINÁRIA EVOLUÇÃO DE SEU FILHO FÁBIO, SÓCIO DE UMA PEQUENA EMPRESA DE GAMES NA QUAL A TELEMAR INVESTIU 5 MILHÕES DE REAIS



■ Cai José Genoíno. ■ Cai Marcelo Sereno, secretário de Comunicação do PT e braço-direito de Dirceu. ■ José Adalberto, o homem-cueca, é demitido pelo deputado Guimarães

■ Luiz Gushiken é rebaixado. A Secretaria de Comunicações perde o status de ministério.

■ Relatório do Coaf mostra que o auxiliar Luiz Eduardo Ferreira da Silva, a serviço da Previ, sacou 326 660,67 reais da conta da DNA Propaganda, de Valério, numa agência do Banco Rural. Silva diz que nunca fez saque desse valor. No dia seguinte, diante de um grupo de auditores da Previ, lembrou-se de ter buscado um pacote para o então diretor de marketing do Banco do Brasil, Henrique Pizzolato, que comprou um apartamento



■ Em discurso em Goiás, Delúbio Soares chora e diz "Imaginem se o PT ia comprar voto de deputado, se ia carregar malas de dinheiro". Segundo ele, por trás de tudo está um movimento de direita que almeja o impeachment do presidente. "E vou dar nomes: a revista VEJA, o *Estadão* e a *Folha de S. Paulo*", acusa.



DIOA SAMPALAE

de 400 000 reais em Copacabana pouco mais de um mês depois da retirada

■ Cai Pizzolato.

■ Em entrevista ao *Jornal Nacional*, Marcos Valério desfecha o que se tornaria conhecido como a Operação Paraguai: admitir vultosos empréstimos ao PT, a título de pagamento de despesas de campanha. O esquema de corrupção ficaria assim confinado ao campo dos deslizes eleitorais.

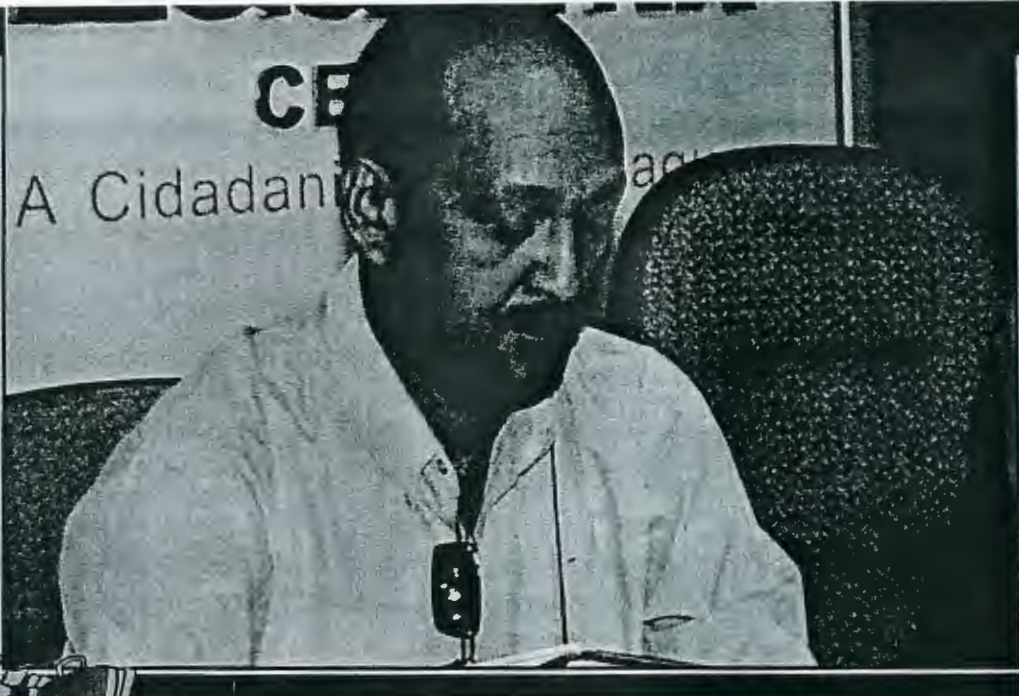
■ Apesar do descrédito generalizado, Delúbio Soares embarca na mesma operação: assume o caixa dois. Tudo iniciativa exclusivamente dele, jura.

■ Em desastrosa entrevista a uma jornalista brasileira na França, levada ao ar pelo *Fantástico*, Lula segue o mesmo tom: o PT não fez nada além do que "é feito sistematicamente" — financiar campanha com o caixa dois.

■ Silvio Pereira diz à CPI dos Correios que nunca ouviu falar em mensalão e não era próximo de Valério. Perguntado sobre um Land Rover de sua propriedade, afirma: "Tudo o que tenho está quitado, está no imposto de renda".

■ À noite, o *Jornal Nacional* mostra que o Land Rover Defender verde-escuro foi comprado pela empreiteira baiana GDK e registrado em nome de Pereira. A empreiteira tem contratos de 272 milhões de reais com a Petrobras.

■ Documentos obtidos pela CPI dos Correios relacionam quem sacava quanto e para quem nas agências do Banco Rural em Brasília e BH: pessoas ligadas ao ex-ministro dos Transportes Anderson Adauto,



■ O homem-cueca estréia na política nacional com grande estrépito. O cearense **José Adalberto Vieira da Silva** é preso pela Polícia Federal no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, com quase 450 000 reais em dinheiro vivo — 200 000 reais em uma mala e 100 000 dólares na cueca. Ele é assessor parlamentar de José Nobre Guimarães, deputado estadual e líder do PT na Assembleia Legislativa do Ceará e irmão do presidente nacional do PT, José Genoíno.

ao ex-presidente da Câmara João Paulo Cunha (PT-SP), aos deputados Josias Gomes (PT-BA), Paulo Rocha (PT-PA), José Janene (PP-PR) e Bispo Rodrigues (PL-RJ). O ex-tesoureiro nacional do PL Jacinto Lamas sacou 200 000 reais. Adauto admite que recebeu uma "ajuda" do ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares para saldar dívidas de campanha. Josias Gomes foi o único a comparecer, na agência de Brasília, para fazer duas retiradas de 50 000 entre agosto e setembro de 2003. A mulher de João Paulo Cunha, Márcia Milanésio Cunha, aparece com 50 000, e a assessora do líder do PT na Câmara, Anita Leocádia, sacou, no total, 320 000. Caem por terra desculpas como "consulta neurológica" (Rocha), "pagar conta da TV a cabo" (Cunha) e outras extravagâncias sobre as visitas suspeitas à agência do Rural.

■ Zilmar Fernandes da Silveira, sócia do publicitário Duda Mendonça, que fez a campanha presidencial de Lula, aparece como sacadora de 250 000 reais da conta da SMPB em abril de 2003. Em nota, ela informa

que a empresa CEP (Comunicação e Estratégia Política), da qual é sócia, recebeu 500 000 reais do PT como pagamento por serviços.

■ "Tinham me falado que não iria aparecer nada", diz João Paulo Cunha ao explicar por que mentiu, atribuindo a ida de sua mulher à agência do Rural a um pagamento de TV a cabo.

■ O vice-presidente da empreiteira baiana GDK, César Oliveira, admite que comprou o

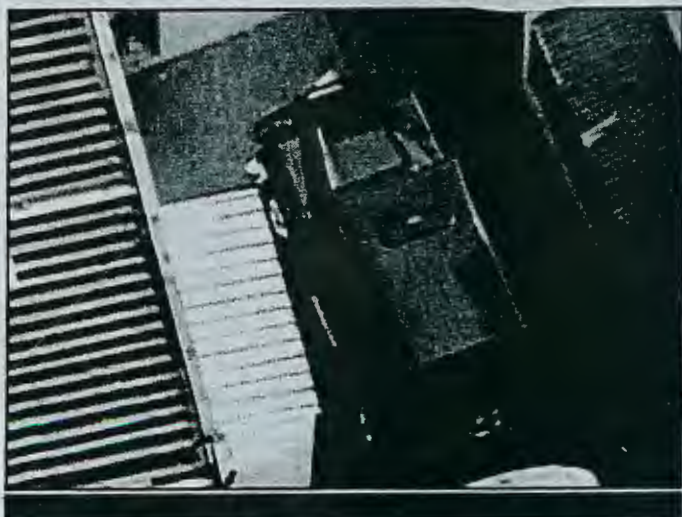
Land Rover para Silvio Pereira, "de amigo para amigo".

■ Luiz Gushiken é rebaixado de novo: deixa a Secretaria de Comunicação, que é desmembrada, e se torna "assessor" de Lula.

■ Sai nova lista do valeroduto: saques chegam a 25 469 500 reais.



"NESTE PAÍS PODE TER IGUAL, MAS NÃO TEM MULHER NEM HOMEM QUE TENHA CORAGEM DE ME DAR LIÇÃO DE MORAL E DE HONESTIDADE"



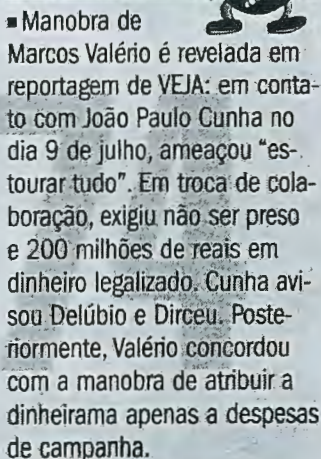
■ Silvio Pereira admite que levou o **Land Rover** na faixa e pede sua desfiliação do PT. E ainda ressalva: "Nada ofereci ou me foi pedido em troca".

RQS nº 03/2005 - CN -
CPMI - CORREIOS

025

3437

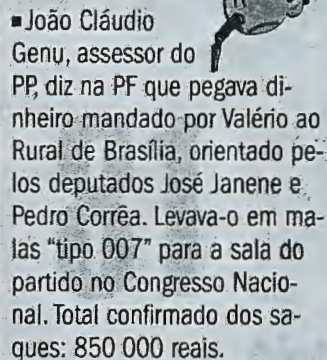
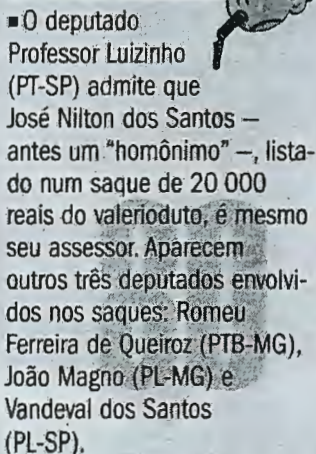
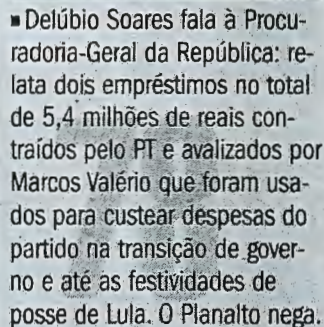
20



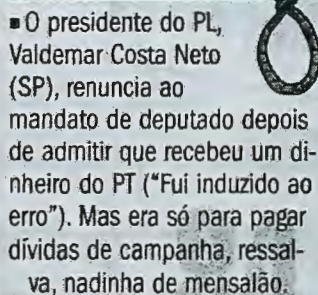
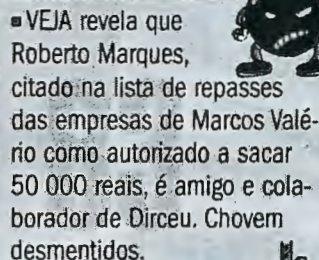
■ O deputado Ibrahim Abi-Ackel (PP-MG), relator da recém-criada CPI do Mensalão, aparece em reportagem da revista *Época* como beneficiário de dois depósitos, não contabilizados, como diria Delúbio, das empresas de Marcos Valério, no total de 150 000 reais. "Não há conflito algum. Estou apurando o mensalão, que pressupõe uma contribuição periódica para votar com o governo", diz o deputado.



■ Depoimento da senhora Valério, **Renilda Maria Santiago de Souza**. Notavelmente desinformada sobre todo o conjunto da vida financeira do casal e das empresas das quais é sócia, lembra-se de um único fato relevante: José Dirceu "sabia dos empréstimos" e participou de reunião para discutir o problema com diretores dos bancos Rural e BMG no ano passado.



■ O irmão do ex-tesoureiro do PL Jacinto Lamas, Antônio de Pádua Lamas, aparece como sacador de 350 000 reais em 7 de janeiro de 2004. Na época, era assessor da liderança do PL na Câmara.

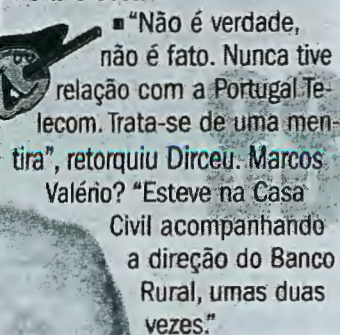


Como não pode mais ser cassado, fica livre para disputar as próximas

eleições BQS nº 03/2006 que aparece lá no co-

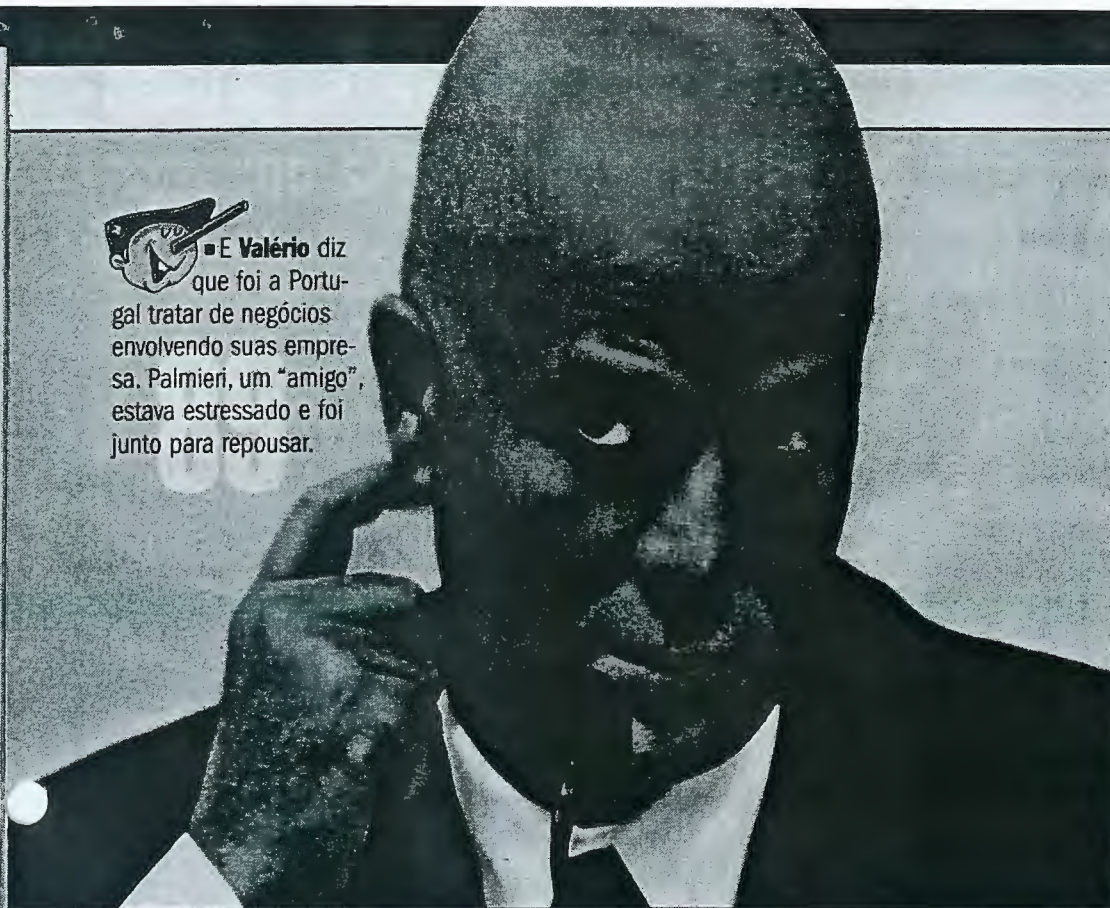
CPMI - Correios (crise) para o Banco
Espírito Santo, acionista da Por-

436
Doc. _____





■ E Valério diz que foi a Portugal tratar de negócios envolvendo suas empresa. Palmieri, um "amigo", estava estressado e foi junto para repousar.



LULA MARQUES/FOLHA IMAGEM

■ A lista de beneficiários das verbas repassadas por Marcos Valério inclui Márcio Lacerda, secretário executivo do Ministério da Integração Nacional, cujo titular é Ciro Gomes.

2/100

■ Lacerda diz que os 457 000 reais que recebeu pagaram dívidas da campanha de Lula à Presidência.



■ É exonerado.

■ O escritório de advocacia do ex-procurador-geral da República Aristides Junqueira esclarece:

os 185 000 reais recebidos via Valério em 2003 pagaram honorários por serviços prestados no caso do assassinato do ex-prefeito de Santo André Celso Daniel. O contratante era o Diretório Regional do PT.

3/100



■ A agenda da Casa Civil, disponível no site, registra: no dia 11 de janeiro — treze dias antes da viagem a Portugal — José Dirceu recebeu Valério e Ricardo Espírito Santo, do banco homônimo.

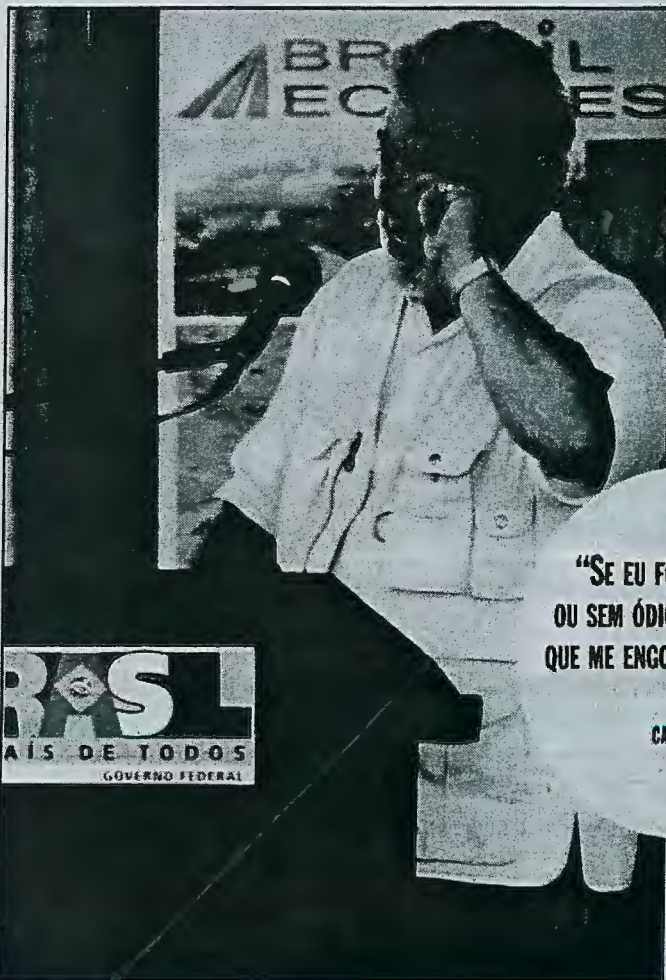
■ Divulgada reportagem do jor-

nal Expresso na qual o ex-ministro português António Mexia diz que em 2004

se reuniu em Lisboa com Marcos Valério, que se apresentou como "consultor" do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.



■ Cai o presidente da Casa da Moeda, Manoel Severino dos Santos, um dia depois de seu nome ser sugado pelo lamaçal, com saques de 2,7 milhões de reais e pelo menos sete



JEFFERSON COPPOLA/FOLHA IMAGEM

encontros documentados com Valério.

■ O deputado José Nobre Guimarães, irmão de Genóio e ex-chefe do homem-cueca, admite ter passado no valerioduto. Montante: 250 000 reais. Motivo? Dívida de campanha, claro. E a história dos dólares escondidos naquele lugar? Nada a ver.

6/100

■ Jefferson volta atrás nas acusações contra Lula. "Não posso dizer se o presidente soube ou não do encontro do José Dirceu para tratar do esquema Portugal Telecom". Outra: "O Dirceu não teria condições de fazer tudo sozinho. Para mim, passa por José Dirceu e pelo Gushiken, tem inteligência do governo".

■ Na CPI dos Bingos (lembra-se?), diretores da multinacional GTech, que opera as loterias da Caixa Econômica Federal, reafirmam que sofreram tentativa de extorsão no valor de 6 milhões de reais no início do governo Lula. Acusados: Rogério Buratti e Waldomiro Diniz, ex-assessores dos ministros Antonio Palocci e José Dirceu, respectivamente.

4/100

■ "Alguns banqueiros daria aval para Delúbio e Valério? Os bancos só deram aval porque sabiam que por trás tinha um conforto, uma garantia", diz Valério em entrevista a O Estado de S. Paulo, na qual confirmou, por fim, o esquema do mensalão. "Além do Dir-



ceu, toda a cúpula do PT sabia." E mais virá: "Vou contar tudo o que sei, mas não de uma vez. Vou contar devagarinho e vou fazer um estrago, um barulhão".

**"SE EU FOR, COM ÓDIO
OU SEM ÓDIO, ELES VÃO TER
QUE ME ENGOLIR OUTRA VEZ."**

LULA, LANÇANDO A
CANDIDATURA À REELEIÇÃO

veja
ON-LINE

A cronologia da crise em
www.veja.com.br

RGS nº 03/2005 - CN =
GPMI - COREIOS

027

343

37

Dec:

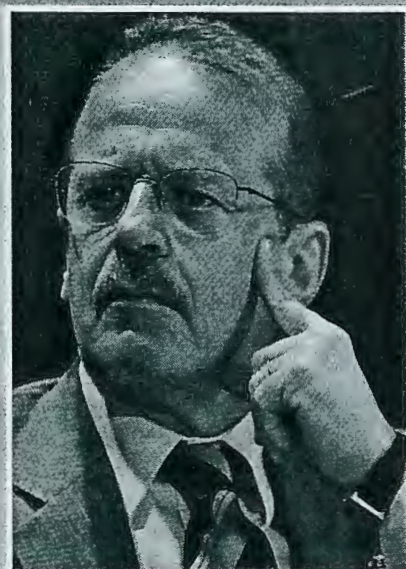
ÉPOCA

SEMANAL DE INFORMAÇÃO

R\$ 6,90 N° 377

8 agosto 2005

www.epoca.com.br

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

**TARSO GENRO
TAMBÉM SE
ENROLA NO
CAIXA DOIS**



A CRISE SOBE A RAMPA

R\$ n° 03/2005 - CN -
CPMI - CORREIOS

s 028

430

Doc.

- DINHEIRO DE MARCOS VALÉRIO FOI USADO NA CAMPANHA DE LULA
- PRESIDENTE REAGE E TESTA SUA CANDIDATURA À REELEIÇÃO



VALÉRIO
Depois de
conquistar o PT,
a tentativa de
uma carreira
internacional

Operação Portugal

Usando o nome do PT, Marcos Valério pediu propina de R\$ 50 milhões para resolver a venda de uma companhia telefônica

Rafael Neddermeyer/AE

THOMAS TRAUMANN

Principal operador do caixa dois do PT, Marcos Valério desempenhou também missões internacionais. Na aparência tratava-se de uma operação megalomaniaca e rocambolesca. Na prática não foi isso. O publicitário mineiro atuava com credenciais que lhe permitiram acesso ao geralmente exclusivo mundo de negócios europeu. Ele viajou para Lisboa e se encontrou, pelo menos duas vezes, com o presidente da Portugal Telecom, Miguel Horta e Costa, se oferecendo para resolver o impasse na compra da Telemig, a principal companhia de celular de Mi-

nas Gerais. Em troca, em vez da comissão normal que receberia qualquer corretor de um negócio desse porte, Valério pediu dinheiro para pagar dívidas do PT e do PTB. Segundo pessoas próximas à operação, o cheque seria de R\$ 50 milhões. O negócio não saiu.

As peripécias internacionais de Valério, denunciadas na semana passada pelo deputado Roberto Jefferson (PTB), envolviam o futuro da Vivo — maior operadora de telefones celulares do Brasil, que pertence à espanhola Telefónica e à Portugal Telecom. Em junho de 2004, a Vivo chegou perto de fechar um acordo de compra da Telemig. Acertou com o banco Opportunity,

um dos donos da operadora mineira, que pagaria mais de R\$ 2 bilhões pelo controle da empresa, mas a venda foi vetada por outro sócio, o Citibank. As negociações empacaram. A cada semana aparecia alguém se dizendo representante do governo Lula ou do PT e prometendo facilitar as coisas, mas só Valério era capaz de demonstrações de força: jantares com o tesoureiro do PT, Delúbio Soares, um currículo de lobbies bem-sucedidos na Anatel e audiências com o então ministro da Casa Civil, José Dirceu. Na sede da companhia, em Lisboa, Valério tinha fama de ser o homem certo para desencravar o problema.

RAS nº 03/2005 - CN -
CPMI - CORREIOS

029

~~3434~~

Jefferson disse a verdade no Congresso ao informar que Valério era o intermediário para resolver as dívidas do PT com o PTB. Foi para provar que a propina não era para ele, mas sim para os partidos, que Valério levou como acompanhante em uma das viagens o tesoureiro de Jefferson, Emerson Palmieri. É especulação imaginar que o presidente da Portugal Telecom teria estimulado uma operação de caixa dois. Mas é fato que Miguel Horta e Costa recebeu Valério e o indicou para uma audiência com o então ministro de Obras e Comunicações de Portugal, António Mexia. Três semanas atrás, em entrevista ao semanário *Expresso*, Mexia disse que recebeu Valério "na qualidade de consultor do presidente do Brasil". A afirmação foi recebida como escândalo, pois seria o primeiro elo real entre Valério e Lula. Na quinta-feira, Mexia recuou e disse que Valério foi recebido apenas como empresário.

A direção da CPI dos Correios trabalha com a hipótese de que as operações de Valério em Portugal eram a fase dois de suas relações com o PT. O primeiro esquema, já comprovado, era o uso das agências de publicidade SMP&B, DNA e Graffitti para pagar contas e dívidas de campanha do PT e de seus aliados PL, PP e PTB – operações consideradas um "crime menor" nas atuais circunstâncias.

Já a conexão portuguesa faria parte do tráfico de influência para bancos, seguradoras e companhias telefônicas obterem contratos e vantagens no governo Lula. Nesses contatos, Valério, o avalista dos empréstimos ao PT nos bancos Rural e BMG, invertia os papéis com Delúbio Soares. Era o tesoureiro do PT quem aparecia como fiador de que Valério tinha poderes para falar como representante do PT em negociações com o governo federal.

Roberto Jefferson afirmou que Valério e Palmieri foram a Lisboa por ordem do ex-ministro José Dirceu. Teria sido a fórmula encontrada para o PT quitar as dívidas com o PTB – a origem de toda a crise política. Dirceu nega.

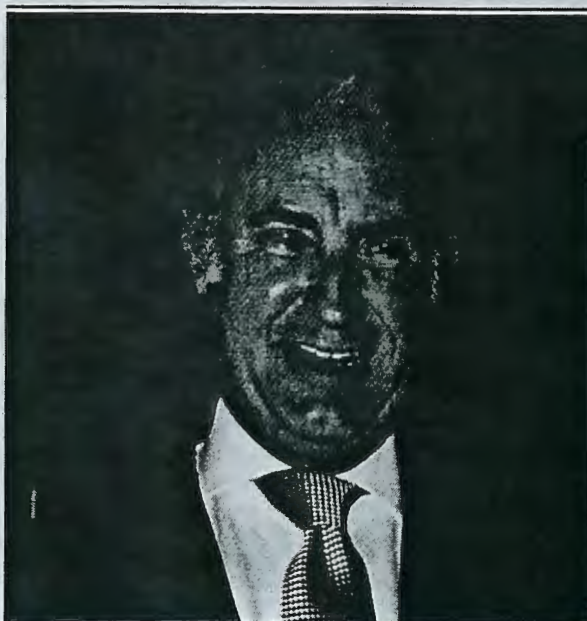
Treze dias antes da viagem de Valério a Lisboa, em 11 de janeiro, o ex-ministro recebeu o principal acionista da Portugal Telecom, Ricardo Espírito Santo, acompanhado de Marcos Valério. Dirceu e o banco Espírito Santo afir-

mam que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Jefferson acusou o banco Espírito Santo de participar de outro esquema – a proposta de transferência para o banco português de US\$ 100 milhões de investimentos externos do Instituto de Resseguros do Brasil (IRB). A proposta era defendida por Lídio Duarte, o indicado por Jefferson no IRB, mas não prosperou. O banco Espírito Santo admitiu que tentou captar dinheiro do IRB, mas negou ter recorrido ao tráfico de influência para azeitar a negociação com a seguradora estatal.

Concorrentes dizem que Valério já havia trabalhado antes para a Portugal Telecom. Ele teria influenciado na decisão da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) de manter a divisão das tarifas das ligações entre telefone fixo e celular.

Pelas regras de 1998, de cada real gasto nas ligações entre aparelhos celulares e fixos, os primeiros ficavam com a maior parte. Como é a única grande companhia que só opera celulares, a Portugal Telecom é, por meio da Vivo, a maior beneficiária dessa divisão.

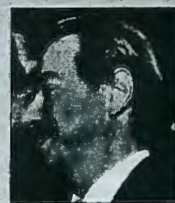
As companhias fixas tentaram várias vezes mudar a relação, mas não conseguiram convencer a Anatel. Segundo os concorrentes, Valério teria sido fundamental para a manutenção da regra. Ele também teria prometido aos portugueses que convenceria a Anatel a antecipar a entrada no país dos ▶



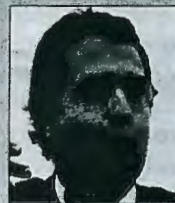
OS PASSOS DE VALÉRIO

A estranha relação entre o governo, o PT, o PTB, Marcos Valério e a Portugal Telecom

A Portugal Telecom deseja há muito tempo comprar a Telemig. Como intermediário do negócio, Marcos Valério encontrou-se em Lisboa com **Miguel Horta e Costa**, presidente da empresa. Valério teve vários encontros para tratar do assunto



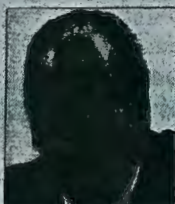
No dia 11 de janeiro, o então ministro da Casa Civil, José Dirceu, recebeu em seu gabinete o empresário Marcos Valério e **Ricardo Espírito Santo**, do Banco Espírito Santo, principal acionista da Portugal Telecom



Marcos Valério e o tesoureiro do PTB, Emerson Palmieri, viajaram para Portugal. Lá se encontraram com o então ministro português, **António Mexia**, e com representantes do banco Espírito Santo



O deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) disse no Conselho de Ética da Câmara de Valério e Palmieri foi para acertar uma comissão que a Portugal Telecom pagaria ao PT e ao PTB. Eles teriam viajado por orientação de José Dirceu



Dirceu e o governo negam a versão de Jefferson. Marcos Valério diz que foi a Portugal como publicitário da Telemig para intermediar a venda dessa empresa à Portugal Telecom. O negócio não saiu até hoje

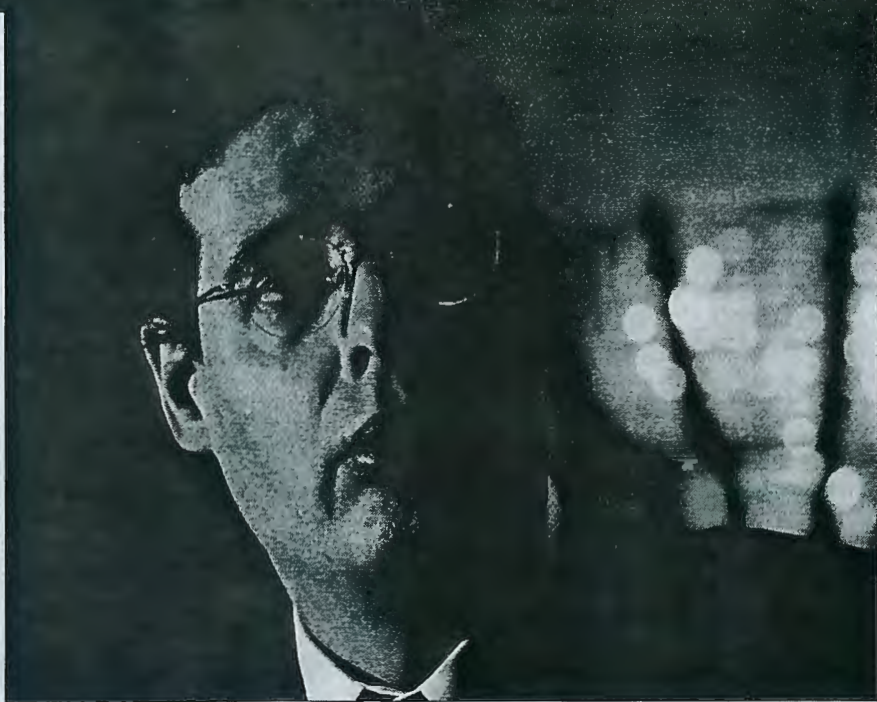
ROS nº 03/2006 - CN.
CPMI - CORREIOS

030

3430

Doc.

30



INTRIGA

Valério trabalhou para derrubar Sérgio Rosa da Previ e substituí-lo por Henrique Pizzolato, que recebeu dinheiro da DNA

celulares de terceira geração. Procurada por ÉPOCA, a direção da Portugal Telecom em Lisboa desmentiu "categoricamente" que Marcos Valério tenha feito lobby para a empresa. "Neste escândalo todo, a Portugal Telecom vai aparecer ou como culpada, ou como pateta por ter recebido o Valério em Lisboa. É ruim, mas prefiro que a empresa saia como pateta", diz um executivo ligado às operações da Portugal Telecom. Os executivos da Portugal Telecom ficaram em pânico com a possibilidade de aparecer como a ligação que faltava para incriminar o presidente Lula e foram apanhados de calças curtas. Aproveitando as férias escolares na Europa, muitos estavam viajando com a família quando o escândalo estourou.

A venda da Telemig era apenas o pontapé inicial da mais ambiciosa tacada dos interesses que Marcos Valério defendia na telefonia. O foco era realmente a venda da Brasil Telecom, a terceira maior telefônica do país. Os quatro sócios da empresa (banco Opportunity, Citibank, Telecom Italia e fundos de pensão liderados pela Previ) vivem há anos em uma disputa sangüinária. Valério apareceu em duas etapas da bara-

funda. No início do governo Lula, ele aproximou Delúbio Soares do Opportunity de Daniel Dantas, o banqueiro odiado por um dos principais assessores de Lula, o secretário Luiz Gushiken. Em meados de 2004, quando negociava a venda da Telemig para a Vivo, Dantas já tinha a seu lado o então ministro José Dirceu. Com o dinheiro que ganharia da venda da Telemig, Dantas pretendia comprar a parte do Citibank e se tornar o controlador incontestado da Brasil Telecom.

Gushiken, apoiado por concorrentes de Dantas, trabalhou para que a Pre-



DANTAS O publicitário aproximou o Opportunity de Delúbio Soares, contrariando o secretário Luiz Gushiken

vi se aproximasse do Citibank e vetasse o negócio. Meses depois, Citi e Previ assinaram um polêmico contrato de venda conjunta de ações na Brasil Telecom. O acordo prevê que, se a venda não sair até o final de 2007, a Previ se obrigará a comprar a parte do Citi, "mesmo que isso contrarie as regras da Anatel". Se efetivamente ocorrer, o valor dessa venda futura será 30% maior do que aquele que outra companhia, a Telecom Italia, já tinha oferecido antes pelas ações que o Opportunity tem na mesma companhia. De acordo com a Previ, o acordo com o Citibank foi correto porque, entre outras vantagens, evita uma venda separada que traria prejuízos aos investimentos. Um cenário possível sem o acordo era que a Telecom Italia comprasse apenas a parte do Citi e do Opportunity, deixando os fundos sem condições de uma venda rentável. Hoje, além da Telecom Italia, são candidatos a comprar a Brasil Telecom a Portugal Telecom e a Telemar.

Em sua segunda aparição no caso Brasil Telecom, Valério integrava a corrente que trabalhou pesadamente para derrubar o presidente da Previ, Sérgio Rosa, e substituí-lo pelo diretor do Banco do Brasil, Henrique Pizzolato — o mesmo que pediu aposentadoria depois da descoberta de que recebeu R\$ 326 mil em dinheiro vivo da agência de publicidade DNA. O ex-tesoureiro Delúbio Soares atuou em dobradinha com Valério contra a direção da Previ. Uma troca de Rosa por Pizzolato no comando do fundo de pensão provavelmente teria como resultado um acordo entre o fundo de pensão e o Opportunity.

As agências publicitárias de Marcos Valério trabalham para várias empresas ligadas ao Opportunity, mas o banco nega que os serviços prestados incluam lobby. "No governo Lula, a Previ atuou até contra os interesses de seus pensionistas para prejudicar o Opportunity. A Polícia Federal invadiu a casa de Daniel Dantas e fez cinco pedidos de prisão contra ele", afirma um executivo do Opportunity. "Que diabinos de lobby é esse que o Valério fazia para a gente que só nos prejudicava?" Pode ser. Mas, nessa briga, ninguém tem certeza de nada. ■



Sergio Barzaghi/Diário - Br



Renato de Souza/AE



IMÓVEIS Com a ajuda de Valério, Maria Ângela comprou apartamento com dinheiro vivo e financiamento do Banco Rural. Acima, a casa que Dirceu acaba de construir no interior de São Paulo

Negócio de família

Ex-mulher de José Dirceu consegue casa e emprego com Marcos Valério e bancos amigos do PT

Até agora, a versão oficial era que o empresário Marcos Valério havia obtido empréstimos milionários para ajudar o PT e seus aliados a pagar dívidas. Na semana passada, descobriu-se que ele ajudava petistas também em assuntos pessoais. Em dificuldades financeiras, a psicóloga Maria Ângela Silva Saragoça, ex-mulher do ex-ministro José Dirceu, foi apresentada em setembro de 2003 a Valério por Silvio Pereira, ex-secretário do PT e fiel escudeiro de Dirceu. Dois meses depois, com ajuda de Valério, ela conseguiu casa e emprego com os bancos BMG e Rural – ambos enroados no escândalo do mensalão.

No fim de 2003, Maria Ângela comprou por cerca de R\$ 190 mil um apartamento num bairro de classe média de São Paulo. Por meio de uma nota, ela afirmou ter conseguido o dinheiro para a compra de três maneiras: vendeu um carro, fez a mesma coisa com o antigo apartamento – negociado por R\$ 115 mil – e tomou um empréstimo de R\$ 42 mil no Banco Rural para ser pago em 36 parcelas. O antigo proprietário confirma que os R\$ 42 mil foram depositados em sua conta corrente. Mas disse ao jornal *Estado de Minas* que os outros R\$ 150 mil teriam sido entregues a ele por Maria Ângela em dinheiro vivo, dentro de uma

sacola. Procurada, ela não respondeu aos pedidos para explicar o negócio. O Banco Rural diz que o empréstimo foi feito dentro dos parâmetros normais.

A história da venda do antigo apartamento também envolve amigos petistas. Maria Ângela diz ter acertado a venda para Ivan Guimarães, ex-presidente do Banco Popular do Brasil, braço do Banco do Brasil que cuidava de empréstimos para clientes de baixa renda. A escritura, no entanto, foi feita em nome de Rogério Tolentino, advogado e sócio de Marcos Valério. A ex-mulher de José Dirceu diz que só soube da alteração na hora de passar a escritura. Guimarães alega que não tinha dinheiro suficiente para pagar o imóvel, mas queria ajudar a mulher de Dirceu, por isso acertou que Tolentino compraria o apartamento e alugaria para ele.

O caso já seria incomum pela presença de Valério em ajudar alguém que tinha acabado de conhecer, mas fica mais raro ainda quando chega ao emprego. Dois meses depois de conhecer Valério e relatar suas dificuldades financeiras, Ângela conseguiu também ser contra-

tada pelo banco BMG por um salário de R\$ 3.265, para trabalhar meio expediente. Hoje não precisa nem ir ao banco: trabalha em seu escritório particular. BMG é o banco que emprestou R\$ 41 milhões ao PT e foi o primeiro a obter autorização do governo para conceder crédito consignado. O Rural é aquele que emprestou R\$ 3 milhões diretamente ao PT e mais R\$ 29 milhões através das empresas de Valério. Era em sua agência que petistas e aliados sacavam o dinheiro do mensalão. Maria Ângela diz que Silvio Pereira a apresentou a Valério porque sabia que ela precisava de um apartamento maior, mas Dirceu não podia ajudar.

O patrimônio pessoal do ex-ministro tem chamado a atenção também em Vinhedo, no interior de São Paulo, onde

construiu uma casa no condomínio Vale de Santa Fé, avaliada em R\$ 600 mil. A residência de paredes amarelas tem 431 metros quadrados e ocupa um bonito terreno de 1.680 metros quadrados, com piscina e churrasqueira. Através da assessoria, Dirceu disse que gastou R\$ 50 mil na compra do terreno

e R\$ 253.671 na execução da obra entre 2002 e 2004. O dinheiro teria vindo de uma aplicação de R\$ 75 mil no Banco do Brasil, da indenização de R\$ 62 mil recebida da Comissão de Anistia e de R\$ 48 mil de sua rescisão quando deixou de ser funcionário do PT. Teve ainda de pedir um empréstimo bancário de R\$ 20 mil e pagou o resto com recursos do próprio salário.

**Apartamento
teria sido pago
com R\$ 150
mil em dinheiro
vivo, entregues
em uma sacola**

3438

Doc

Até para

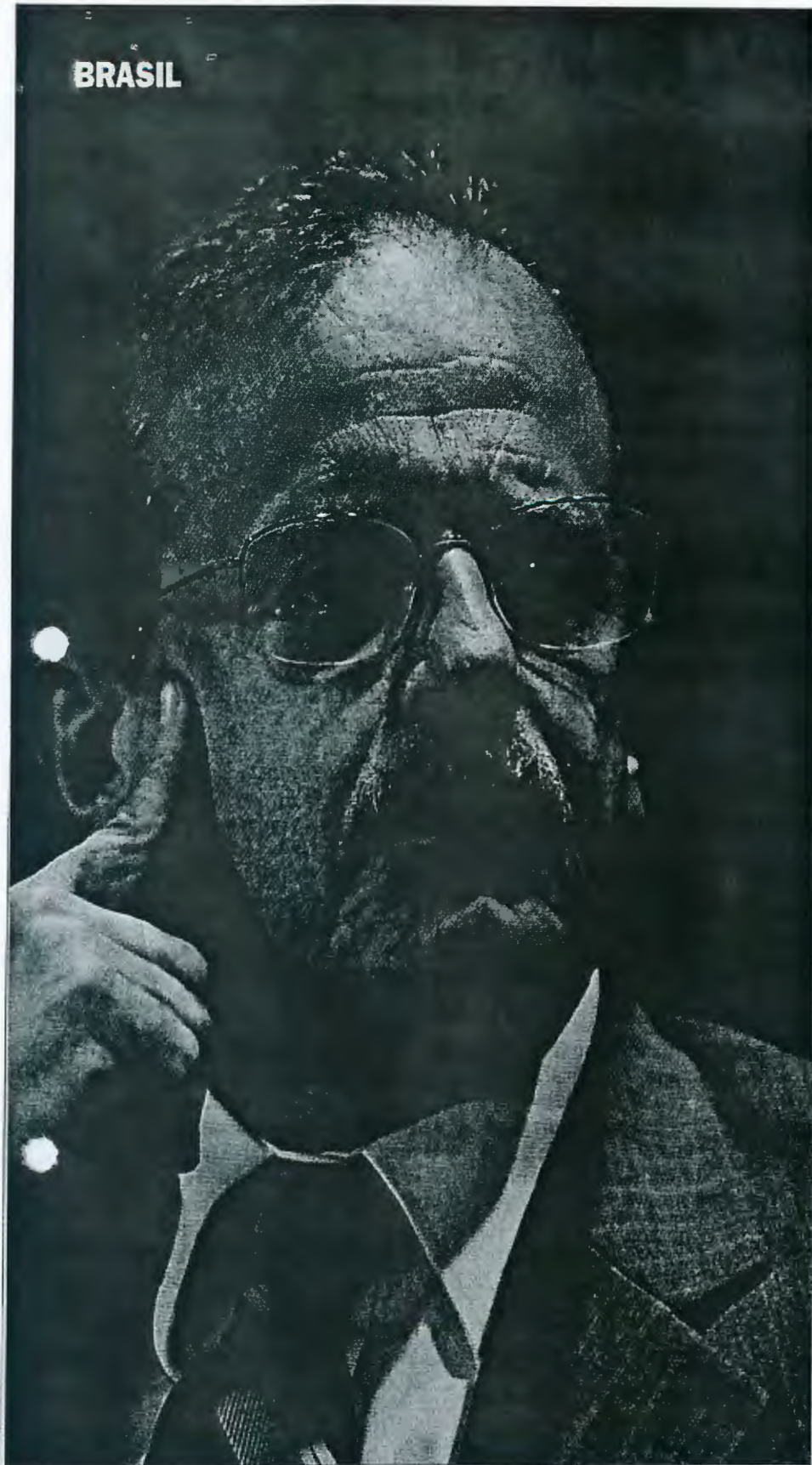
Presidente escolhido para limpar o PT também teve contas de campanha pagas por Marcos Valério

MATHEUS MACHADO

O novo presidente do PT, Tarso Genro, tem os próprios fantasmas para administrar, além daqueles que assombraram a antiga direção do partido. Entre os documentos entregues por Marcos Valério à Procuradoria-Geral da República, há fortes evidências de que o publicitário pagou dívidas da campanha de Genro ao governo gaúcho, em 2002. No meio da papelada aparecem dois cheques nominais, de R\$ 75 mil cada um, para as gráficas gaúchas Impressul e Comunicação Impressa. Ambas tiveram Tarso Genro como principal cliente em 2002. Mais tarde, em nova coincidência, as duas empresas tornaram-se fornecedoras do Ministério da Educação – justamente no período em que a pasta foi comandada por Genro.

Os dois cheques foram assinados no mesmo dia, 9 de junho de 2003. Um dos diretores da Impressul, Jairo Amaral, confirmou ter recebido o cheque para saldar dívidas do PT com sua empresa: "Eles (o PT) ainda me devem muito. Só não vou dizer quanto. Recebi o cheque, sim, e se pudesse receberia outro, sem problema". Questionado se o pagamento seria referente a uma dívida da campanha de Tarso Genro para governador, Amaral, de início, negou. Disse que os serviços eram da campanha de Lula. A Impressul, no entanto, não fez nenhum tipo de trabalho para o PT nacional em 2002, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral. Diante da nova informação, o empresário desconvendeu: a dívida seria, então, de 2000. Naquele ano, contudo, Lula não se candidatou a nada. "Então foi para pagamento de dívida do PT. É isso", disse Amaral, encerrando a conversa.

Na disputa para governador em 2002, o PT pagou R\$ 45.800 para a Impressul e R\$ 101 mil para a Comunicação Impressa. A Comunicação ainda fez tra-



Marizilda Cruppe/Ag. O Globo

Relação de pessoas indicadas pelo PT que receberam recursos emprestados ao PT por Marcos Valério, através das empresas:

8 MARCELINO PIES
51 - 9999-0826 OU 3284-8967
TESOUREIRO PT - RS / Diretoria Nacional
JORGE - 51- 9116-4302
PAULO ANTONIO BASSOTTO

9/6/2003 a 15/07/2003	700.000,00
26/9/2003 a 24/10/2003	500.000,00
	1.200.000,00

CAIXA DOIS Tesoureiro do PT gaúcho pegou R\$ 1,2 milhão de Valério e pagou contas da campanha de Tarso Genro. "Se errou e pegou dinheiro nesse esquema paralelo, o partido deve assumir a culpa e punir os responsáveis", diz o presidente do PT

o Genro

balhos para 12 deputados federais do PT gaúcho e para o então candidato e hoje presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A maior conta da empresa, porém, foi conquistada na campanha de Genro. Já a Impressul prestou serviços para candidatos do PDT, PSDB, PFL e PMDB. Mas os maiores contratantes foram petistas, como Tarso Genro, responsável pelo principal faturamento da empresa nas eleições em 2002. "Minhas contas de campanha foram aprovadas pela Justiça", argumenta Genro. "Se sobrou alguma dívida, depois desta aprovação ela passa a ser do partido, e não da campanha." Segundo ele, o PT gaúcho precisa explicar exatamente o que foi pago por Valério. "Se errou e pegou dinheiro neste esquema paralelo, o partido deve assumir a culpa e punir os responsáveis", diz.

À Procuradoria, Marcos Valério afirmou ter entregue R\$ 1,2 milhão ao PT do Rio Grande do Sul. Mas apresentou comprovantes do envio de apenas R\$ 350 mil. Além dos dois cheques para as gráficas, há um recibo de R\$ 200 mil, assinado por Paulo Antônio Bassoto, funcionário do PT gaúcho. O recibo é datado de 16 de junho de 2003. No mesmo dia, Bassoto foi preso no aeroporto de Porto Alegre. Levava R\$ 150 mil numa mala e foi denunciado pelo aparelho de raios X. Depois de passar um dia preso, acabou socorrido por um advogado do PT. Apresentando recibos, o advogado alegou que o dinheiro fora enviado pela SMP&B, de Marcos Valério, para pagar uma fornecedora. Em mais uma coincidência, a fornecedora em questão era a gráfica Comunicação Impressa Ltda. As despesas com o advogado também foram pagas pela agência mineira.

Depois de receberem pelo valerioduto, as duas gráficas permaneceram ligadas a Tarso Genro. Dessa vez como fornecedoras de governo, no MEC. As empresas ganharam contratos para confeccionar folhetos, cartazes e livretos. A Impressul, por exemplo, faturou no ano passado R\$ 127 mil para produzir 500 mil folheters para a campanha de

**Empresas
trabalharam
para o Ministério
da Educação na
gestão de Tarso
Genro**

alunos surdos e outros R\$ 28 mil por conta de 20 mil livretos. Já a Comunicação Gráfica participou da produção de material para o projeto da Reforma Universitária neste ano. Imprimiu 10 mil folhetos e levou quase R\$ 31 mil. Mas 2004 foi mesmo seu grande ano no MEC: em seis trabalhos recebeu mais de R\$ 200 mil. Até a posse de Tarso Genro, as empresas nunca tinham prestado qualquer tipo de serviço ao MEC.

As gráficas gaúchas foram pagas pela Casablanca, agência de publicidade mineira que atende o MEC. Em Belo Horizonte, o dono da agência, Juliano Sales, nega interferência do ministério na escolha das gráficas. Já em Brasília, o diretor de produção da Casablanca, Reinaldo Saucedo, informou que as gráficas são indicadas pelo próprio

MEC, por meio de carta-convite. A maioria desses fornecedores é sediada em Brasília, já que assim não teria seus impressos encarecidos pelo frete. Em 2004, por exemplo, a Casablanca contratou 112 trabalhos de gráficas da capital. Do Rio Grande do Sul vieram sete trabalhos - todos eles das duas empresas que brilharam na campanha de Genro.

A assessoria de comunicação do MEC reconhece ter indicado as fornecedoras. Diz que foi parte de uma política para "descentralizar os contratos". Garante que não há privilégio para as empresas gaúchas e que os preços dos serviços caíram em relação ao governo anterior. Depois de três dias negando ter recebido dinheiro da SMP&B, na quinta-feira o tesoureiro do PT gaúcho, Marcelino Pies, reconheceu a ajuda de Valério. Em entrevista ao jornal Zero Hora, disse que foi designado pelo PT nacional para buscar o dinheiro com o publicitário mineiro.

3430

Déc:

QUE POR ESTE
TOME A QUANTIA DE

SETENTA E CINCO MIL REAIS*****

GRAFICA E EDITORA COMUNICACAO IMPRESSA L

OU A SUA ORDEM

SAIDA FICHA DE CASSA Nº. 3002

SMP B COMUNICACAO LTDA.
CGC 01322078/0001-95
CLIENTE DESDE 03/00

PT - Marcelino

RS 75 000 00

RECIBO Marcos Valério pagou
R\$ 75 mil à Comunicação,
empresa que trabalhou
para as campanhas de Lula
e de Tarso Genro em 2002

QUE POR ESTE
TOME A QUANTIA DE

SETENTA E CINCO MIL REAIS*****

IMPRESSUL SERVIÇOS GRAFICOS E EDITORA L

OU A SUA ORDEM

SMP B COMUNICACAO LTDA.
CGC 01322078/0001-95
CLIENTE DESDE 03/00

PT - Marcelino

RS 75 000 00

PAGO O maior cliente da
Impressul na campanha de 2002
foi Tarso Genro. Ela também
recebeu pelo caixa dois

"Tá inflacionando"

Esse diálogo foi gravado pela Polícia Federal com autorização judicial

A conversa é entre um desembargador e um deputado. O desembargador está na casa de uma cafetina chamada Geane. Ele repassa para o deputado a reclamação da cafetina, que se queixa de não ter recebido do parlamentar o pagamento de duas garotas de programa contratadas para atender artistas que se apresentaram num comício em Brasília.

Desembargador – Vim fazer uma visita aqui pra Geane... Ela tá brava com você rapaz...

Deputado – A Geane?

Desembargador – É.

Deputado – Ah, por quê? (risos)

Desembargador – Tem uma fila aqui de mulher querendo receber dela e ela não recebeu de você. Então tá...

Deputado – Sacanagem dela. Ela mandou duas meninas lá pra mim. Ela me cobrou oitocentos conto, pô. Me mandou duas mulher fraca. Eu já paguei pra ela quinhentos e ela quer que eu pague mais duzentos. Paga duzentos contos aí pra ela para mim.

Desembargador – Pago... Não, peraí, fala aqui com ela. (Ao fundo, o desembargador diz para a cafetina: "Falou que você tá inflacionando".)

Geane, a cafetina – Como é... Eu tô o que, rapaz?

Deputado – Falei pro desembargador que cê tá judiando de mim.

Geane – Ah, que eu tô judiando de você. Inflacionando não, porque você mandar uma mulher duas horas da madrugada, a mulher sai no outro dia nove e meia da manhã e o cabra chegar aqui e dar quinhentos. Faça uma gentileza. Eu disse pro desembargador agora e vou dizer na sua frente. Eu disse: "Desembargador, me pague e receba dele, porque ele... Nessa campanha ninguém vê ele".

Deputado – Eu falei para ele te pagar os duzentos aí. Ele disse que vai pagar pra mim...



Sergio Dutti/Época

TRADIÇÃO

O envolvimento de políticos com prostitutas também foi detectado pela Polícia Federal na investigação sobre a máfia dos vampiros

Corrupção e bordel

Investigações do mensalão esbarram em garotas de programa, cafetina de luxo e festas em hotéis

Na quinta-feira 4, a senadora Ideli Salvati (PT-SC) entrou apressada na CPI dos Correios e, com ar maroto, anunciou: "Vou semear o pânico. Acabo de receber a lista da Geane". Muitos parlamentares não escondem que têm mais medo dos registros das festas organizadas em hotéis de Brasília pela cafetina Geane Mary Corner do que da inclusão de seus nomes entre os clientes do mensalão. Segundo os investigadores, o pagamento das orgias e do jabaculé para os políticos também era feito pelo caixa de Marcos Valério Fernandes de Souza. A amigos, Geane disse que a quebra de seu sigilo telefônico e bancário pode revelar seu vínculo com o empresário. Recentemente, um delegado federal informou ao senador Demóstenes Torres (PFL-GO) que o empresário Ricardo Machado, sócio de Valério na Multi Action, alugou 15 suítes no hotel Grand Bittar para uma festa de arromba com garotas contratadas por Geane. "A orgia coincide com anotações da secretária Fernanda Karina e saques", assegura o senador. Machado confirma que fechou dois andares do hotel para uma festa em 2003, mas nega que tenha contratado prostitutas e não revela a lista de convidados.

A exemplo de Valério, Geane prestou serviços a excelências de outros partidos. ÉPOCA teve acesso a gravações feitas com autorização judicial em que a cafetina aparece cobrando uma dívida de um deputado pelo serviço de duas garotas de programa, contratadas para atender uma dupla sertaneja que animou um comício em Brasília em 2002. Após uma discussão hilária, a conta acabou sendo paga por um desembargador.

Antiga fornecedora de prostitutas a políticos, Geane arrebanha prestadoras de serviços em vários Estados. Nas investigações sobre a máfia dos vampiros, acusada de surrupiar milhões do Ministério da Saúde, cada assalto aos cofres públicos era comemorado em festas numa casa no Lago Sul de Brasília, animadas pelas garotas de Geane. Numa das gravações feitas pela polícia, um líder partidário envolvido no escândalo do mensalão combina com um vampiro a ida a uma festinha, mas exige: "As mulheres não podem ser à Salim Muxiba", referindo-se a um lobista de São Paulo que não teria critério apurado na escolha de acompanhantes. ■

ANDREI MEIRELES